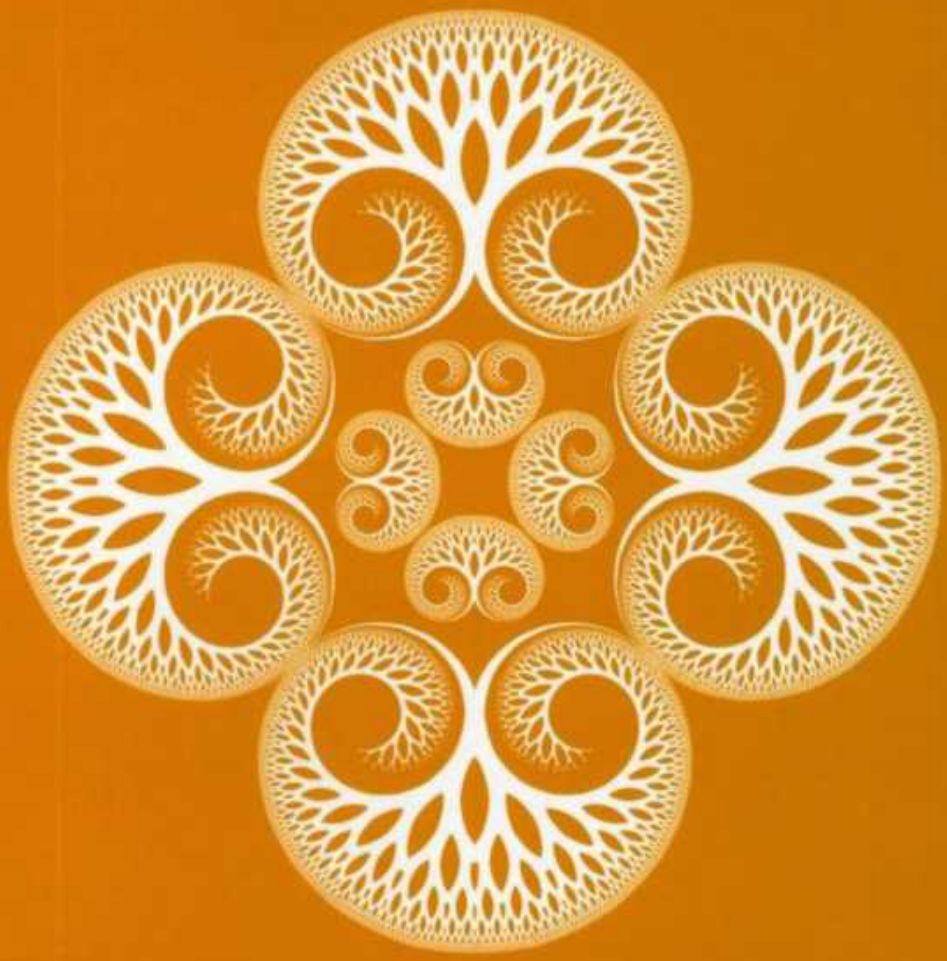

ordens do sucesso

BERT HELLINGER

ÊXITO *NA VIDA* ÊXITO *NA PROFISSÃO*

ATMAN

Como as condições básicas para as relações humanas podem ser utilizadas para o êxito na vida e na profissão? Neste livro Bert Hellinger mostra como o êxito na vida e na profissão pode ser possível e como podemos preencher essas condições de uma forma prática. Ao mesmo tempo é um livro de sabedoria para a vida e para o sucesso na profissão.

Editora Atman

Bert Hellinger, nascido em 1925, formou-se em Filosofia, Teologia e Pedagogia. Trabalhou durante 16 anos como membro de uma ordem missionária católica entre os Zulus na África do Sul. Sua formação e sua atividade terapêutica envolveram diversas abordagens: Psicanálise, Dinâmica de Grupos, Terapia Primai, Análise Transacional, Hipnoterapia, PNL e a Terapia familiar, a partir da qual desenvolveu a sua abordagem revolucionária das Constelações Sistêmicas, que atualmente é reconhecida em inúmeras áreas e é aplicada também a problemas empresariais e a conflitos étnicos.

Bert Hellinger atua como conferencista e diretor de cursos em todas as partes do mundo e é autor de livros de sucesso, traduzidos em diversos idiomas. Vários de seus livros atuais comprovam-no como filósofo e professor de sabedoria com a sua própria marca, que fala diretamente à alma e suas profundezas, tocando-a sem desvios.

www.hellinger.com

www.hellingerschule.com

SUMARIO

- INTRODUÇÃO
- OS ÊXITOS DE NOSSA VIDA
- O LUGAR
- A RECOLOCAÇÃO
- ERROS
- A PERDA
- INÚTIL
- O PONTO DE ENCONTRO
- PRECONCEITOS
- EXATAMENTE NESTE MOMENTO
- PRECONCEITOS DA CONSCIÊNCIA
- CENTRADOS
- DEVAGAR SE VAI AO LONGE
- GANHAR DEIXANDO
- MILAGRES
- INESPERADAMENTE
- A LUZ
- ORGULHO DE PROPRIETÁRIO
- AGORA

- PERDAS
- A PLENITUDE
- ABERTO
- A COLABORAÇÃO

INTRODUÇÃO

Às vezes distinguimos, por um lado, entre as áreas da família, a realização e a felicidade nos relacionamentos e, por outro lado, os campos do trabalho e da profissão, como se pudéssemos separá-los. Entretanto, eles seguem as mesmas leis do êxito e fracasso, as mesmas leis da felicidade e da infelicidade, as mesmas leis e ordens na vida e no amor.

No início, as Constelações Familiares se ocuparam principalmente das relações pessoais. Trouxeram à luz as ordens básicas do amor, segundo as quais nossos relacionamentos têm êxito ou fracassam. Quando comecei a investigar as leis do sucesso e do fracasso no trabalho e na profissão e cada vez mais nas empresas e nas organizações, veio à luz que estas seguem as mesmas ordens.

Eu sigo essas conexões neste livro. Ele nos introduz à postura interna que leva nossos relacionamentos e nossa vida a ter êxito. Essa postura interna nos conduz aos movimentos que podem curar aquilo que foi afetado devido a determinadas circunstâncias que nos limitaram anteriormente, tendo como consequência efeitos profundos no êxito de nossas relações pessoais e, ao mesmo tempo, no nosso trabalho e na nossa profissão.

A aplicação das Constelações Familiares nos campos da empresa e trabalho somente se tornou possível em sua forma atual quando pude explorar outros âmbitos anteriormente inacessíveis, através de compreensões abrangentes, que levam muito mais além dos limites da consciência e dos limites do sucesso que dela dependem.

Se quiser saber mais sobre a aplicação dessas compreensões na empresa e na profissão e o procedimento resultante das mesmas, você os encontrará no meu próximo livro: Histórias de sucesso na empresa e na profissão. Ele descreve a aplicação dessas compreensões na empresa e na profissão com exemplos concretos de muitos países, exemplos esses que parecerão ser mais compreensíveis se tivermos internalizado as ordens básicas do sucesso tais como as descrevo aqui.

Eu lhe desejo com este livro, e talvez com os seguintes, o grande sucesso ou a felicidade plena na vida e no trabalho, seja lá o que você quiser alcançar individualmente e realizar a serviço da vida.

OS ÊXITOS DE NOSSA VIDA

O nascimento

O primeiro e decisivo êxito de nossa vida foi nosso nascimento. Quando tivemos que vir ao mundo através de nossas próprias forças, sem intervenções externas, foi a melhor maneira e a que teve as mais vastas consequências. Pela primeira vez, tivemos que demonstrar nossa capacidade de nos impor. Esse sucesso continuará atuando durante toda nossa vida. Dessa experiência também ganhamos a força para nos impormos com sucesso mais tarde.

Estou indo muito longe aqui? O que essa experiência de êxito em nosso nascimento tem a ver com nossos sucessos posteriores em nosso trabalho e nossa profissão? O nosso êxito posterior depende realmente de nosso primeiro êxito?

Como se comporta mais tarde uma criança ou um adulto que veio ao mundo através de uma cesária ou teve que ser tirado com um fórceps ou se veio prematuramente ao mundo e teve que passar as primeiras semanas ou até meses na incubadora? Como serão mais tarde a sua autonomia e a sua capacidade de se impor?

E claro que os efeitos de tais primeiras experiências podem ser superados parcialmente mais tarde. Também podemos ganhar uma força especial de tudo o que é difícil e pesado.

Contudo, ao mesmo tempo impõem limites, transformando-se num desafio que podemos superar se reconhecermos suas raízes, podendo, mais tarde, resgatar e reconquistar o que nos falta de uma outra maneira, muitas vezes com uma ajuda externa.

Encontrar e tomar a mãe

O próximo acontecimento decisivo e o próximo sucesso é o movimento em direção à mãe, agora como uma outra pessoa que nos coloca no peito e nos nutre. Com o seu leite tomamos a vida fora dela.

O que nos torna plenos de sucesso e nos prepara para o sucesso posterior na nossa vida e na nossa profissão?

Quando tomamos a nossa mãe como fonte de nossa vida e tudo aquilo que flui dela para nós. Tomamos a vida como um todo na medida em que tomamos nossa mãe.

Este tomar é ativo. Precisamos sugar para que seu leite flua. Precisamos chamá-la para que venha. Precisamos nos alegrar com o que ela nos presenteia. Através dela ficamos plenos.

Mais tarde na vida se revela que quem conseguiu tomar plenamente a sua mãe terá êxito e será feliz. Pois, do mesmo modo que alguém está com sua mãe também está com sua vida e sua profissão. Quando alguém rejeita sua mãe, rejeita também a vida, seu trabalho e sua profissão. Dessa forma também a vida o rejeitará na mesma medida e da mesma forma, assim como seu trabalho e sua profissão.

Quando alguém se alegra com sua mãe, também se alegra com sua vida e seu trabalho. A medida em que alguém toma a sua mãe totalmente, com tudo aquilo que ela lhe presenteou tomando isso com amor, a sua vida e seu trabalho o presentearão, na mesma medida, com sucesso.

Quem tem reservas em relação a sua mãe, as tem também em relação à vida e à felicidade. Assim como sua mãe se

afasta dele como consequência de suas reservas e sua rejeição, assim a vida e o sucesso se afastam dele.

Onde começa o nosso sucesso? Começa com nossa mãe.

Como o sucesso chega a nós? Como pode vir? Quando a nossa mãe pode vir a nós e quando nós a honramos como tal.

O movimento em direção à mãe

Muitos tiveram uma experiência precoce que se opõe a esse movimento. Vivencia- ram uma separação precoce da mãe. Por exemplo, se por um certo tempo foram entregues a outra pessoa, se a mãe ficou doente e precisou ficar hospitalizada ou quando ficaram doentes e ela não pôde visitá-los.
Essa experiência tem como consequência uma profunda mudança em nosso comportamento posterior.

A dor da separação e o desamparo, o desespero de não poder ir até ela, quando dela tanto precisamos, conduz a uma decisão interior. Por exemplo: “Eu renuncio a ela”. “Eu fico sozinho.” “Eu permaneço distante dela.” “Eu me separo dela.”

Mais tarde, quando a criança pode voltar para a mãe novamente, muitas vezes se subtrai dela. Por exemplo, a criança não se permite ser tocada por ela, fecha-se a ela e ao seu amor. A mãe espera por ela em vão, e quando ela tenta se aproximar e abraçá-la, a criança a rejeita internamente e, muitas vezes, expressa isso.

As consequências de um movimento interrompido

O movimento em direção à mãe interrompido precocemente tem amplas consequências para a vida posterior e para nosso sucesso. Como isso se mostra em detalhes?

Mais tarde quando essas crianças querem ir em direção a alguém, por exemplo, a um parceiro, seu corpo se lembra do trauma da separação precoce. Então se detêm internamente em seu movimento em direção a ele. Ao invés de se dirigirem ao parceiro, ficam esperando que ele venha em sua direção. Quando ele realmente se aproxima, frequentemente têm dificuldade de suportar sua aproximação. Rejeitam- no de uma ou de outra forma, ao invés de receberem-no felizes e tomá-lo. Sofrem com isso e mesmo assim só podem se abrir para ele hesitantes e, quando fazem isso, muitas vezes o fazem só por um curto espaço de tempo.

Algo parecido ocorre em relação ao seu próprio filho. Algumas vezes também suportam com dificuldade a sua proximidade.

Qual seria a solução para eles? Esse trauma é superado onde começou pois, quase sempre atrás de cada trauma existe uma situação na qual o movimento que havia sido necessário não foi possível, de forma que permanecemos imóveis em tal situação, como enraizados ou paralisados.

Como se resolve um trauma assim? Ele se resolve em nosso sentimento e em nossa recordação quando, apesar de todo o medo, voltamos a essa situação e resgatamos internamente o movimento impedido ou interrompido na primeira ocasião.

Qual é o significado disso para a interrupção precoce do movimento em direção à mãe?

Voltamos outra vez para a situação de outrora, a ser novamente a criança de outrora, olhamos para nossa mãe de

outrora e, apesar da dor crescente, da decepção e da raiva de outrora, vamos em direção a ela, dando pequenos passos - com amor.

Nós nos detemos internamente, olhamos em seu olhos e esperamos até sentirmos dentro de nós a força e a coragem para o próximo pequeno passo e os passos seguintes até cairmos finalmente nos braços de nossa mãe, abraçados e segurados por ela, finalmente de novo unidos a ela com amor.

Mais tarde experimentamos, aqui também para começar primeiro internamente, se conseguimos fazer esse movimento com um parceiro amado. Olhamos para ele em seus olhos e, ao invés de esperar que ele se movimente em nossa direção, damos o primeiro pequeno passo em direção a ele. Depois de um certo tempo, depois que tivermos reunido força suficiente, damos um segundo passo. Dessa forma continuamos a ir em sua direção, lentamente passo a passo até que o tomemos em nossos braços e ele a nós, até que o seguremos e deixemos que ele nos segure, feliz e longamente.

O movimento em direção ao sucesso

Por que descrevi isso tão detalhadamente?

Um movimento interrompido precocemente em direção à mãe se comprova, mais tarde, ser um obstáculo decisivo para o sucesso em nosso trabalho, em nossa profissão e na nossa empresa. Aqui também trata-se de se dirigir ao sucesso, ao invés de esperar que ele venha a nós. Por exemplo, quando esperamos pelo salário sem antes entregar o rendimento correspondente, quando nos escondemos atrás de outros ao invés de nós mesmos fazermos o trabalho

e nos afastamos ao invés de nos dirigirmos a alguém e ao trabalho com alegria. Todo sucesso tem a face da mãe.

Aqui também vamos internamente em direção ao nosso sucesso e a outros seres humanos, dispostos a fazer algo por eles, servi-los, ao invés de duvidar, ficar parados e esperar que eles se movimentem.

Então nos dirigimos a eles e ao nosso sucesso, passo a passo, e sentimos a cada passo nossa mãe, carinhosamente, atrás de nós. Conectados a ela, estamos bem preparados para o nosso sucesso e chegamos a ele como chegamos a nossa mãe. Primeiro nós fomos até nossa mãe e agora ao nosso sucesso.

A dedicação

A dedicação é um movimento que começa no nosso coração. Torna-se fácil para nós uma vez que já retornamos com sucesso até nossa mãe.

Mas o que ocorre quando algo se opõe a esse retorno ou quando esse movimento foi interrompido precocemente na vida? Ao invés de nos dedicarmos a nós e a outros com amor e respeito, nos afastamos deles. Então o afastamento se torna um movimento básico interno e externo em nossos relacionamentos e também em nosso relacionamento com o sucesso.

A questão é: como podemos inverter o movimento de afastamento para a dedicação à nossa vida, a outros seres humanos, ao nosso sucesso e a nossa felicidade?

Proponho para isso um exercício interno. Com sua ajuda podemos perceber um movimento interno no corpo, um

movimento de afastamento que podemos inverter para uma dedicação ampla.

O exercício

1. Sentamo-nos eretos em um canto de uma cadeira, expiramos profundamente pela boca e inspiramos profundamente pelo nariz. Enquanto isso ficamos de olhos abertos e repetimos estas respirações mais duas vezes. Então fechamos os olhos e respiramos normalmente. Nossas mãos estão sobre nossas coxas com as palmas abertas para cima.

2. Lentamente estendemos nossos braços e mãos cada vez mais para a frente, em direção a alguém. Ficamos sentados eretos, sentimos como nossas costas ficam eretas e quanto mais estendemos nossos braços para a frente, estendemo-los em nossa imaginação em direção à nossa mãe.

3. Enquanto permanecemos nessa postura, tomamos consciência de quantas vezes em nossa vida e de quantos diferentes modos nos afastamos dos outros, ao invés de nos dedicarmos a eles. Permanecemos nessa postura mesmo que nesse momento isso ainda seja difícil para nós. Movimentamos nossos braços e nossas mãos abertas ainda mais para a frente, conservando as nossas costas eretas.

4. Lenta e suavemente abrimos nossos olhos. Sem nos movimentar percebemos o nosso redor como um todo, como um todo para a frente, para a direita e a esquerda, inclusive para trás.

5. Abrimos nossos ouvidos, dispostos a ouvir tudo aquilo que os outros querem nos comunicar e nos percebemos dedicados a eles, unidos a eles, com nossa mãe e muitos outros seres, com amor e confiança.

6. Voltamos a respirar profundamente. Primeiro expiramos, inspiramos e expiramos mais três vezes, profundamente. Continuamos eretos com as costas levemente inclinadas para a frente.

7. De repente sentimo-nos conectados com muitos seres humanos de outra maneira, de olhos abertos e brilhantes, com os ouvidos abertos, sentindo-nos dedicados a eles de outro modo. Também com aqueles aos quais estamos ligados através de nossa profissão e nossa empresa.

O que ocorre agora com nosso sucesso? Ainda fica esperando? O que ocorre com nossa alegria e nossa felicidade? Também se dedicam a nós, como nossa mãe.

O LUGAR

Um lugar faz sentido se é um ao lado de muitos. Por si só ninguém tem um lugar. Ocupamos nosso lugar com muitos outros ao nosso lado. Embora nos encontremos na dependência de que os outros ocupem seu lugar, lutamos por nosso lugar. Pois como poderíamos estabelecer um intercâmbio com eles, tomar deles e dar a eles?

Também faz parte desse intercâmbio que os outros tomem o seu lugar, conservando-o e até ampliando-o, entrando em competição conosco e assim estabelecendo uma relação intensa conosco.

No final, trata-se da competição pelos melhores lugares, inclusive do melhor lugar para a nossa sobrevivência. Para ser exato, embora quase não tenhamos a coragem de encará-lo, é uma questão de vida e morte.

A vida continua, porque uma outra vida desocupa seu lugar e precisa desocupar. O lugar que no fundo defendemos é equivalente a nossa vida. Nós a temos enquanto temos um lugar que nos pertence. Se quiséssemos tomar o lugar de outros, tomaríamos a sua base vital. Quando limitamos seu lugar, limitamos sua vida.

Nos relacionamentos que dão certo, trata-se de partilhar o próprio lugar com um outro e vice-versa. Dividimos nosso lugar com eles e eles, por sua vez, o seu lugar conosco. Embora cada um ceda algo de seu lugar, ganha com o lugar do outro algo a mais para seu lugar. Juntos preenchem um lugar maior. O seu próprio lugar se amplia através do lugar conjunto.

Nos nossos relacionamentos o importante é assumir o próprio lugar e defendê-lo, mas ao mesmo tempo ocupar junto com outros um lugar maior, defendendo-o também. Defender, por exemplo, o limite conjunto ampliado e relacionar-se com outros para além desse limite, com eles e com seu lugar conjunto.

Tudo o que está vivo, tudo o que no final deve trazer o grande sucesso, procura ampliar seus limites. Entretanto, quando se trata das relações humanas, o sucesso significa ampliar nossos limites em conjunto com outros. O modo mais seguro de proteger nosso lugar é junto com outros. Mas, além da própria sobrevivência, trata-se da vida e sobrevivência de muitos, da vida plena e do sucesso de todos.

A RECOLOCAÇÃO

Recolocar significa literalmente que se coloca algo em outro lugar, num outro lugar dentro do grande todo. Dessa forma algumas vezes recolocamos os móveis de uma casa porque parecem que ficam melhor em relação à casa, melhor entre si, satisfazendo melhor as nossas necessidades.

Recolocar significa também que reorganizamos algo dentro de nós, adaptamo-nos a algo diferente. Por exemplo, a novos desafios, a outros objetivos, a tomar uma nova direção.

Com essa recolocação melhoramos algo. Nós nos adaptamos à nova situação para poder subsistir melhor na competição com outros, para assegurar uma melhor posição de partida a nós e a nossa empresa, melhores perspectivas e um futuro melhor.

Nesse sentido, a vida se recoloca constantemente. Responde a cada mudança com uma nova adaptação.

Algo diferente ocorre com as nossas convicções profundas. Por exemplo, com uma determinada moral e com as convicções geralmente partilhadas do certo e do errado, do admissível ou inadmissível, do desejável ou indesejável.

Essas convicções têm a ver com o pertencimento. Eu me pergunto: como devo me comportar para poder pertencer ao grupo que é importante para mim? Que opiniões preciso partilhar com ele? Que convicções, que comportamentos privados ou públicos? Por exemplo, que posso fazer sem ser excluído e o que preciso fazer para continuar sendo seu membro?

Muitas vezes, as convicções e expectativas de um grupo nos arrebatam, para prejuízo de muitos, incluindo o nosso próprio, por exemplo, em uma guerra. Também em uma guerra comercial, seja com uma extensão limitada ou até mundial.

Aqui uma recolocação é uma conquista espiritual, um alto desempenho espiritual que decide sobre o êxito e fracasso de muitos.

Como conseguimos uma recolocação assim? Através de uma compreensão nova, criativa que terá êxito através da nossa coragem em segui-la, mesmo contra grandes resistências internas e externas.

O que implicaria para muitas empresas uma recolocação tão fundamental?

Implicaria numa recolocação do ponto de vista: a quem elas servem em primeiro lugar? Encontram uma necessidade e a aliviam através de seu serviço, seu produto e seu progresso? Servem em primeiro lugar à vida e à base vivencial de muitos? Ou a reduzem através de seu produto, por exemplo, através de um produto perigoso e prejudicial à saúde e pelo modo com que fazem a sua publicidade?

Que papel têm nisso o dinheiro e o benefício? A quem beneficiam? Estão a serviço da vida ou ficam com aqueles que se esforçaram por eles?

As recolocações decisivas também a esse respeito têm a ver com nossa própria vida. Por exemplo: para onde damos e de onde tomamos?

Temos tomado o decisivo para nossa vida de lá onde nos foi presenteado desde o princípio? Tomamos tanto disso de

forma que podemos continuar dando de uma maneira generosa que sirva à vida de muitas pessoas?

Aqui se estabelecem as bases para tudo o que empreendemos, para o dar e tomar e seu sucesso permanente.

Com essa postura não é necessária nenhuma recolocação. Aqui tudo está certo. O que principalmente? O amor que toma e que, enriquecido dessa forma, serve à vida e a suas bases com todo seu ser e durante toda a vida.

ERROS

Quando cometemos um erro grave como, por exemplo, quando conseguimos uma vantagem injustamente à custa de outros e nossa injustiça vem à tona, temos medo de que nosso erro coloque em perigo a nossa existência e a de nossa empresa. Algumas vezes, o erro nem é nosso, mas somos envolvidos nas consequências de erros cujos responsáveis são outros.

De repente não temos mais nosso destino e o destino de nossa empresa em nossas mãos. Vemo-nos entregues a outros poderes que decidem sobre nosso bem- estar e nossa sobrevivência.

A questão é: provém esse erro de um outro erro, pessoal, através do qual dispusemos do bem-estar de uma outra pessoa, fazendo-lhe injustiça? Sentimos que estávamos certos, acusando essa pessoa, fazendo com que sentisse as consequências? Tememos, através de nosso erro e suas consequências, ficar na mesma situação que a dela? De repente nosso erro nos iguala.

Como podemos conseguir a força para enfrentar as consequências de nosso atual erro de uma maneira que reverta para o bem, não apenas para nós agora como também para nosso futuro? Como encontrar aquela força que, quando tudo fica bem, também tem como resultado o bem para os outros?

Os erros na nossa empresa estão relacionados frequentemente a erros pessoais, humanos, de nosso passado, do nosso próprio ou de outros, nos quais estamos envolvidos pelo destino. Por isso, cometemos em uma empresa erros tolos que não compreendemos. Através deles

algo em nossa alma quer ligar-se com outros que se manifestam através de nossos erros.

Quem se manifesta realmente neles? Uma outra força que nos conduz da mesma forma, dirigida igualmente com amor a todos e que quer, através de nossos erros, ordenar algo muito mais profundo. Em nossos erros e em suas consequências revela-se uma força que pode nos conduzir para fora desses erros se entrarmos em sintonia com o seu amor por todos e por tudo tal como é.

Como podemos conseguir essa sintonia? Deixando o medo, confiando na condução desse poder em relação ao nosso erro atual e a suas consequências. Ou deixando os erros anteriores realizados por amor, por nós ou nossa família e, através de tais erros, recuperarmos aquela parte de nossa humanidade disposta a compartilhar o destino.

Não importa quais sejam as consequências de nosso erro atual, ele está a serviço de um outro êxito, mesmo se o preço pago nos pareça alto demais. Quando concordamos com nossos erros e suas consequências crescemos como seres humanos, em sintonia com um outro amor: com dor e com cura, com impotência e, por outro lado, com força serena, não importando qual será o resultado. Tornamo-nos uma unidade com outras forças e com outra condução no coração.

A PERDA

Lamentamos uma perda quando perdemos algo que era importante para nós e que fazia parte de nossa vida. Algumas vezes, perdemos algo que era um fardo para nós, por exemplo, uma responsabilidade que assumimos por outros sem que trouxesse algo para nós e para eles. Essa perda nos libera. Ficamos alegres porque nos libertamos de algo.

Quando uma perda nos ameaça, põe em risco as bases de nossa vida e até a nossa própria vida; então mobilizamos nossas últimas reservas para impedi-la e refutá-la. Muitas vezes, é difícil se usamos somente nossas próprias forças. Então olhamos ao nosso redor procurando uma ajuda exterior. E é quando ela não aparece, que nos recordamos de uma força que vem do interior. Por exemplo, quando reconhecemos que nós mesmos estivemos pouco atentos e provocamos a perda ou causamos um dano a outros. De repente, vemos nossa perda através de uma nova luz, dentro de um novo contexto.

Todos nós vivemos à custa de outros e eles, por sua vez, vivem porque isso nos custa algo e estamos dispostos a isso, algumas vezes mesmo que nos custe muito. Esse algo serve a nossa vida e à vida deles, transformando-se num ganho sem perdas.

Uma perda é sobretudo aquilo que reduz a nossa vida. Nossa vida perde algo. Por exemplo, se perdemos uma perna num acidente ou sofrermos um outro dano permanente, ou se perdermos a vista ou o equilíbrio. Mas também podemos perder a esperança por um golpe do destino, por exemplo, se perdemos um ente querido através da morte.

Na nossa empresa sofremos perdas quando nos excedemos, quando vamos longe demais, mais além daquilo que serve à vida e aos outros. Também quando retemos algo que pertence ao público, para que possa estar a nosso serviço e ao de outros. Então colocamos o dar e tomar em uma ordem que está de acordo com o espírito de fraternidade nas relações próximas e também nas públicas.

Nesse momento somos protegidos contra perdas e danos pelo poder público, desde que ele esteja em ordem. Trabalhamos com ele pelo bem do todo.

Outras perdas pertencem ao campo do desgaste e nos obrigam à reparação e renovação. Algo se desgastou e é substituído por algo novo. Essas perdas nos obrigam a permanecer em dia, como tudo que vive e cresce. Fazem parte do campo dos custos que prevemos e estamos dispostos a investir para podermos calcular os nossos ganhos.

Como lidamos com as perdas que ameaçam a vida, que podem custar nossa existência, nossa felicidade e nossa vida?

Salvamos o que ainda pode ser salvo e deixamos que as outras coisas prossigam, sem lamentar sua perda. Dessa forma ficamos livres para o que fica, até que isto também se acabe como todo o resto, em seu devido tempo, porque outra coisa começa depois disso e em seu lugar.

Aqui nos movimentamos mais além do campo de ganhos e perdas para um outro campo, para um campo espiritual, em sintonia com forças que servem igualmente a todos, inclusive a nossas perdas.

Esses poderes fazem com que tudo seja novo a cada instante, constantemente novo, novo sem perdas,

permanentemente novo - tanto para nós como para todos os outros.

INÚTIL

Inútil é aquilo que traz pouco, que não valeu a pena. Entretanto, via de regra, pode-se prever o que no final se revelará como inútil.

Inútil é aquilo que faz pouco sentido. Então falamos de esforços amorosos inúteis: grandes expectativas, mas poucos resultados. Assim, muitas vezes o ruidoso é inútil, também o grandiloquente é uma casca sem semente.

O que serve nunca é inútil; por exemplo, o amor que traz uma criança ao mundo. Traz o máximo possível sem chamar muito a atenção. Pois, o que serve mais à vida do que uma criança que pode continuá-la quando a vida que a precedeu acaba?

Inúteis são os sonhos sem o esforço para que se tornem realidade. De fato, não existe nenhum esforço que tenha sido inútil, até mesmo aquele esforço que precisou enfrentar obstáculos até chegar a seu objetivo, foi inútil. Principalmente o esforço que, a longo prazo, leva adiante a vida de muitos.

Nesse caminho muitas coisas parecem ser inúteis, porque é preciso esperar pelo seu tempo. Contudo, o certo e o essencial têm um longo fôlego. Nesse sentido, somente o curto prazo pode ser inútil. Por exemplo, o êxito a curto prazo, que a longo prazo fracassa com perdas para muitos.

Nunca é inútil o agradecimento por um esforço. Ele leva adiante até o sucesso pleno.

Nunca é inútil a espera paciente até que apareça o resultado o qual precisa de tempo. Por exemplo, as plantas que um

jardineiro espera que cresçam e também tudo aquilo que requer tenacidade.

Tudo que quer voar muito alto acaba sendo inútil depois de um certo tempo. Precisa voltar ao chão para a base que sustenta.

Como podemos escapar do inútil? Modestamente, olhando para a medida que permanece. Lentamente ampliamos os limites daquilo que queremos alcançar, sempre olhando para as reservas que ainda temos. Nós os ampliamos a serviço de algo útil pelo qual os outros esperam. Se isso serve a eles, a pergunta sobre a inutilidade se torna supérflua.

Portanto, pode-se reconhecer de antemão se algo será inútil. Será inútil o que não queremos perceber. A visão clara abarca imediatamente o que tem futuro e o que não.

Inútil é tudo aquilo que é autorreferente. Quem está disposto a servir a algo assim?

Inútil é toda preocupação em relação àquilo que segue à nossa vida, pois o anterior se comprova depois de um certo tempo ser obsoleto e desnecessário para o novo. Por mais valioso que tenha sido o anterior, o novo o supera.

Inúteis são todos os pensamentos sobre “o que teria sido se…” Não foi e nem será.

Nunca é inútil olhar para o próximo passo. Mesmo quando o final de uma empresa nos fique oculto, em sua maior parte, o passo seguinte está claro. Entretanto, direcionado a um objetivo que permanece previsível, no qual algo se realiza.

Nunca é inútil o amor pelos detalhes. Exige a atenção total. Ele nos mantém perto do próximo e do possível. Dele resulta

o seguinte, igualmente algo próximo.

Do que falei agora? De nossa vida e do prazo que resta para viver. Dessa forma a vida também chega a um fim, mas nunca inutilmente. A vida chega ao seu término com plenitude e com ela também o esforço que realizamos. Haverá continuidade em relação a isso? Precisamos nos preocupar com isso?

O mesmo é válido para muitas empresas. Elas também têm seu tempo, um tempo limitado. Também podem ir depois de um certo tempo. Foram por isso inúteis? Serão inúteis depois de seu tempo. Servem agora, e nós com elas dentro dos limites que a vida nos coloca. Dentro desses limites às vezes parecem inúteis, mas com o tempo, enquanto servem à vida, servem com êxito a muitos.

O PONTO DE ENCONTRO

Onde vamos nos encontrar?” Quando duas pessoas querem fazer negócios, não importa o que seja, muitas vezes se perguntam: “Vamos nos encontrar em sua casa?”, “Vamos nos encontrar na minha?” ou “Vamos nos encontrar em algum lugar no meio do caminho?”

No meio do caminho você vem a mim e eu vou a você. Num sentido mais amplo também podemos dizer: vou ao seu encontro e você ao meu. No meio do caminho chegaremos a um acordo. Nós dois continuamos a ser o que somos e mesmo assim fazemos algo em comum. Ninguém vai abusar do outro nem vai ser absorvido ou tragado pelo outro. Ambos ganhamos, ninguém perde. Portanto, o ponto de encontro ideal é o meio.

Vou esclarecer num exemplo cotidiano: que perspectivas tem um relacionamento de casal se uma mulher se muda para a casa de um homem ou até para a casa dos pais dele, ou quando um homem se muda para a casa da mulher ou até para a sua família ou dos pais dela?

Em contraposição, quais as perspectivas que tem seu relacionamento quando ambos deixam a casa de seus pais e empreendem algo próprio, em comum, no meio do caminho, igualmente distantes de ambas as famílias? Aqui também o ponto de encontro está exatamente no meio do caminho.

Se tiverem filhos, o caminho para a família de seu pai será igualmente distante como para a família de sua mãe. Podem ir para ambos, sentir-se em casa com eles e mesmo assim voltar ao centro comum. Aqui está a sua riqueza.

Agora vou transferir isso às empresas. Tenho consciência de que se trata de uma tarefa delicada. Algumas coisas se baseiam em observações e não ouso querer dizer que possa explicar os motivos que estão no pano de fundo. Existem outras coisas que são dignas de serem pensadas, entretanto também não tenho a pretensão de afirmar onde fica o melhor ponto de encontro. Porém vale a pena olhar com mais atenção e perceber o que é mais útil para o êxito comum e sobretudo o que serve a ele de maneira permanente.

Agora vamos ao concreto. O que acontece quando uma mulher recebe de sua família uma herança, assumindo-a? Então pode o homem mudar para a casa dela no sentido de assumir um cargo na empresa dela, até mesmo um cargo na direção?

Então como se sente perante sua mulher? Continuará sentindo-se como seu igual, também como homem? E como se sentirá nessa empresa? Será visto como igual a sua mulher? Gozará de respeito nela?

Vou continuar fantasiando. Ele se sente bem nessa empresa? Dá o melhor de si para conservá-la e desenvolvê-la? Tem a força interior para isso? Vou exagerar um pouco aqui. Seria possível que vá se sentir bem e aliviado se a empresa quebrar? Se ele e sua mulher ficarem praticamente na rua e precisarem recomeçar em um outro lugar, no meio do caminho de suas famílias de origem, como ficará o seu relacionamento?

Espero que não tomem literalmente o que estou dizendo, nem como uma verdade incontestável. Porém, porque faço essas reflexões?

Minha observação - e outros fizeram observações semelhantes - é que, quando um homem assume uma posição de liderança na empresa de sua mulher, se ela a herdou e a assumiu de sua família, essa empresa vai decair, até chegar à ruína, independentemente de quão capaz ele possa ser em muitos aspectos.

Portanto, um homem precisa se cuidar para não entrar ou imiscuir-se na empresa de sua mulher, nem sequer assessorando. Isso significa que para fazer boa figura frente a sua mulher e ficar com ela, precisa de um trabalho e uma profissão independente dela ou fundar sua própria empresa. Isto pode soar duro. Ao mesmo tempo esta lei se transforma num desafio para ambos com um êxito seguro e prometedor, no campo pessoal e no de negócios.

E o inverso também é válido? Quando a mulher entra na empresa do marido, empresa que herdou e assumiu de seus pais? Podemos observar que uma mulher, via de regra, fomenta e apoia a empresa de seu marido e que não parte dela nenhum perigo para a empresa e que possa levá-la à ruína.

Entretanto, a questão é se isso a fará feliz, principalmente, se se tratar de uma empresa familiar e os pais do marido e, sobretudo seu pai, continuar tendo as rédeas nas mãos.

Pois o marido não pode deixar pai e mãe e, permanece em casa como filho, precisando esperar até que possa se tornar independente. Porém nunca o será totalmente. Sua mulher, por mais capaz que seja, não encontrará ali seu próprio lugar e terá dificuldades em sentir-se igual ao seu marido.

Se um casal pode se encontrar no meio do caminho e o marido funda uma empresa, acontece muitas vezes a divisão de trabalho usual em muitas famílias. O marido se dedica à

sua profissão, a mulher se ocupa da casa e dos filhos. Assim permanecem no meio. Ele vai ao seu encontro e ela em direção a ele. Dessa forma a sua empresa, embora tenha sido fundada por ele, se transforma em uma empresa em comum.

Isso vale muito mais quando um homem e uma mulher desde o início fundam uma empresa em comum onde ambos assumem um papel com igualdade de direitos. A base para o êxito de um relacionamento que se encontra no meio tem um efeito que conduz ao sucesso na empresa.

PRECONCEITOS

Quando julgamos um assunto ou uma pessoa, um grupo ou um produto, sem conhecê-lo realmente, falamos de um preconceito. A maioria dos preconceitos reduz algo ou alguém com seu julgamento sem ter conhecimento detalhado da situação.

Qual é o efeito de tal preconceito? Colocamos um limite a nós e aos outros. Nem eles nem nós podemos com tal preconceito.

No sentido restrito, isso tem o efeito de uma condenação. Nós nos convertemos em juízes de outros e do que podem oferecer - algumas vezes também nos convertemos em seus carrascos.

Como lidamos com isso, quando nós mesmos nos tornamos vítimas de tais preconceitos? Podemos corrigir a opinião do outro, de forma que retire seu julgamento? Entretanto, a questão é: por que queremos convencê-lo do contrário?

Quem tem os maiores preconceitos são os pais com respeito aos filhos e, mais tarde, os filhos com respeito aos pais. Ambos se conhecem pouco e os preconceitos os alienam. Algumas vezes até tentam corresponder a esses preconceitos, frequentemente de forma inconsciente, dando-lhes a posteriori a razão.

A que poderes ambos estão expostos? A um poder misterioso. Nem os outros nem nós podemos ir contra o poder desses preconceitos, que comprovam ser criativos. Têm o efeito que querem alcançar mas somente durante o tempo em que o outro se submete a eles. E o curioso é que se submete a eles ao evitá-los. Ao invés de superá-los, os

alimenta mais. A questão é: como podemos evitá-los de forma eficaz?

O preconceito é um inimigo do novo. Através de um preconceito nos defendemos do novo e de um novo desafio, para nós e para os outros.

Um princípio do preconceito é: “Não é possível”. Um segundo princípio: “Não lhe é permitido”. Um terceiro: “Você não pode ser diferente”. Um quarto: “Isto é perigoso”. Um quinto: “Você não tem razão”. Um sexto: “Tudo fica como está”.

Poderia continuar com esses princípios, porém todos servem ao mesmo objetivo: acorrentam o outro, amarrando-lhe as mãos.

A questão é: esses preconceitos são realmente nossos? Ou os temos porque outros os tiveram? Ou não fazemos mais do que transmiti-los a outros buscando novas vítimas?

Aqui me faço a pergunta: a que preconceitos estão entregues os empresários e as empresas e como podem superá-los? De onde vêm esses preconceitos e de que fontes e imagens misteriosas tiram sua força?

Um arquétipo que continua atuando neles é a imagem de senhores e escravos. Atua em muitas lutas trabalhistas. Só que, ao invés dos senhores, os escravos é que vibram o chicote. Comportam-se como se agora tivessem razão e seus senhores não.

Porque essa imagem e preconceito continuam atuando, também alcançam muitos empresários. Também para eles é difícil se defenderem disso. Como se defendem? Por exemplo, através de uma mecanização exagerada e outros

métodos com os quais poupam os custos, tornando-se independentes deles.

É claro que estou exagerando aqui. O que faço é revelar os panos de fundo ocultos de alguns conflitos e talvez solucioná-los de uma forma diferente e mais rápida. Tenho consciência de que existem muitas experiências opostas nas quais ambos os lados puxam a mesma corda para chegar a uma solução boa e vantajosa para todos.

Aqui vou desconsiderar os efeitos globais desse preconceito, embora percebamos neles seu incrível poder oculto. Por exemplo, no comunismo e nos países nos quais ele se impôs. Porém, também nos extremos do capitalismo que justificam o velho preconceito e o realimentam de várias formas.

Que possibilidades são oferecidas para superar esse preconceito na prática? Proponho uma imagem, deixando em aberto como será em seus detalhes na prática. Contudo, assim como esse preconceito é uma imagem interna poderosa, essa outra imagem alcançará também uma força criativa se lhe dermos espaço em nosso interior.

Portanto, como um casal que se encontra de um bom modo quando ambos deixam suas famílias de origem para trás de si, dirigindo-se um ao encontro do outro, encontrando-se no meio do caminho, o empresário e seus funcionários deixam para trás de si a velha imagem de senhores e escravos, dirigindo-se um ao outro de igual para igual até se encontrarem no meio do caminho. Olham, com respeito mútuo, para a tarefa e para a importância respectiva, colocando-se ombro a ombro. Juntos olham para algo ao qual servem, cada um de sua maneira especial, pois aquilo ao qual servem só tem êxito quando cada um contribui com aquilo que lhe corresponde: um ao lado do outro e juntos, cada um dependendo do outro para o sucesso comum e

mesmo assim de uma forma própria e distinta. De forma semelhante a um casal, que depois de um certo tempo se desprende um do outro e olham juntos para um terceiro, ao qual no final servem: sua criança em comum.

Neste caso do empresário e seus funcionários, este terceiro ao qual servem, este terceiro que somente dará certo se ambos fizerem o esforço que lhes corresponde, é a empresa e seu produto e, num sentido mais amplo, os clientes servidos por ela.

O que isso significa em detalhes? Ambas as partes refletem juntas como contribuir para o êxito. Ambas as partes assumem para o êxito também sua parte da responsabilidade e dividem tanto o lucro como o risco. Em suas últimas consequências, isso significaria que, quando a empresa tem dificuldades, ambas as partes também dividem a perda. Somente dessa forma se tornam realmente uma comunidade de destino.

Para mim isso significa ainda outra coisa. Quando uma empresa tem dificuldades, o empresário intervém também com sua fortuna pessoal para a solução da crise. Também tem prejuízos pessoais como seus funcionários. Pois a chamada fortuna pessoal que foi, em sua maior parte, lucro que resultou do êxito da empresa, também terá que passar pelo caixa numa situação inversa de dificuldades e perdas, para que elas sejam superadas.

Como disse, de um lado são apenas imagens, mas imagens poderosas, imagens com futuro. Na prática já se efetivam em muitas partes, principalmente em pequenas empresas, nas quais a solidariedade de todos os participantes no nível humano e na responsabilidade compartilhada, já há muito contribuem para o seu êxito.

Em outros níveis, por exemplo, quando se trata de lutas trabalhistas, muitas vezes sem consideração aos prejuízos e às perdas de terceiros - aqui também segundo o preconceito de senhores e escravos, no qual os terceiros se transformam em escravos -, essa outra imagem ajuda a superar o velho preconceito, depois de um certo tempo, para o benefício de todos.

EXATAMENTE NESTE MOMENTO

Aconteceu exatamente neste momento, totalmente de surpresa e de forma inesperada, impedindo nossos planos e muitas outras coisas nas quais acreditávamos que pudéssemos confiar: de repente surge uma situação nova.

Dizemos, por exemplo: “Exatamente neste momento caiu um raio.” Mas também: “Exatamente neste momento acabou de chover e o sol reaparece.”

Também dizemos: “Exatamente neste momento as forças me abandonam, exatamente neste momento estou no fim, não posso mais.”

O que acontece exatamente neste momento exige uma mudança e nos permite uma mudança. De repente se abre um outro horizonte ou uma porta se fecha para sempre.

“Exatamente neste momento” significa: agora mesmo, exatamente neste instante. O que acaba de acontecer está presente, totalmente presente. Podemos reagir imediatamente e devemos fazê-lo.

O que acaba de acontecer nos traz de volta do céu de muitas ideias e sonhos à terra, felizes, despertos e dispostos à ação.

Todo o criativo acontece exatamente neste momento; cada passo que damos, exatamente neste momento; toda felicidade e todo êxito, exatamente neste momento; e exatamente neste momento, todo prejuízo e toda perda.

Exatamente neste momento o passado acabou e exatamente neste momento começa o futuro. Só

exatamente neste momento estamos em sintonia com a vida, só exatamente neste momento estamos presentes, totalmente presentes. Só exatamente neste momento algo corre bem e só exatamente neste momento algo corre mal.

Só exatamente neste momento chega a compreensão decisiva e justamente agora decidimos segui-la ou adiá-la.

Exatamente neste momento estamos totalmente concentrados e só agora mesmo estamos distraídos. Exatamente neste momento existem várias possibilidades, mas só uma se torna realidade - neste momento.

Por que digo tudo isso? Porque exatamente neste momento me ocorre para

onde isso quer ir. A questão é: que papel tem o “exatamente neste momento” na empresa?

Exatamente neste momento se mostram os sinais do tempo e exatamente neste momento podemos reagir a eles, quando estamos abertos e dispostos a eles. Todo desvio do exatamente neste momento faz com que esses sinais passem de longe, não importando se indicam progresso, êxito, retrocesso, perigo ameaçador ou fracasso. Esses sinais mostram a ação que agora se exige de nós, exatamente neste momento, neste instante.

Como reconhecemos esses sinais do tempo? Só exatamente neste momento, quando os levamos a sério. A respeito me ocorre um exemplo, também exatamente neste momento.

Quando um produto novo surge no mercado, os produtos anteriores do mesmo tipo se revelam obsoletos. Quando algo acontece mais rápido, em menos tempo, deixa atrás o mais lento. Aquele que se adapta imediatamente tem sucesso, aquele que aposta de imediato no novo ao invés de se

segurar no velho, mesmo que seja por um certo tempo. Aquele que hesita aqui, cai para trás.

Exatamente neste momento me ocorre que falei dessa percepção e do sucesso ligado a ela como se isso fosse possível sem um empenho espiritual especial, como se dependesse mais ou menos de nossa boa vontade e pudéssemos nos censurar e censurar os outros mais tarde: se você tivesse prestado atenção!

A percepção limitada e as consequências que limitam nosso sucesso estão relacionadas a um movimento da consciência que nos impulsiona numa direção ao menos, ao invés de numa direção ao mais: mais sucesso e mais felicidade. Isso significa ao mesmo tempo que secretamente temos uma boa consciência com menos sucesso e secretamente uma má consciência com mais sucesso.

Então, o sucesso que permanece e continua depende de que? De que reconheçamos como estamos emaranhados amplamente nos movimentos da consciência e quantas vezes eles nos conduzem ao fracasso e que aprendamos a nos desprender deles e a nossa empresa também.

De que falei aqui? Do dom da distinção da sabedoria.

Como a conquistamos? Servindo com amor, com o amor exatamente neste momento.

PRECONCEITOS DA CONSCIÊNCIA

Ao lado dos preconceitos coletivos que decidem sobre o sucesso e o fracasso das empresas como, por exemplo, o preconceito internalizado de senhores e escravos, muitos preconceitos pessoais decidem sobre nosso sucesso em uma empresa. Esses preconceitos vêm da consciência, tendo também consequências abrangentes.

A consciência decide sob que condições pertencemos e sob que condições perdemos nosso direito ao pertencimento. Portanto a consciência julga. Todos os movimentos da consciência são julgamentos. Falando mais precisamente: são preconceitos. Julgam previamente o que posso fazer ou não, sem um conhecimento exato da situação. Nesse sentido também são preconceitos coletivos que são pré-estabelecidos pelo grupo ao qual pertencemos, sem que nos seja permitido verificá-los. Sendo que essa verificação em si já seria uma transgressão a essa consciência, sendo castigada por ela e pelo grupo ao qual serve. Quando esse pano de fundo nos permanece oculto, tornamo-nos escravos.

A questão fundamental que a consciência nos coloca é: o que devo pensar e fazer para poder pertencer?

A consciência decide a cada instante se podemos pertencer ou não. Por fim decide, a cada momento, sobre nossa vida e nossa morte, pois às transgressões graves a essa consciência, segue a pena de morte.

Quem realiza a execução? Nosso grupo e, em muitos aspectos, nós mesmos, através de nossa má consciência. Nós a realizamos, para ser mais exato, através de nossa sensação de culpa e de nossa expiação por ela.

Por que a nossa má consciência possui tal poder? Por trás dela atua uma ideia de deus, pois a consciência nos é revelada como a voz de deus. Sendo ainda hoje reconhecida e temida como tal tanto pública como pessoalmente, embora esta relação permaneça, para muitos, inconsciente e secreta.

A consciência e suas vantagens decidem amplamente sobre o sucesso e o fracasso de muitas empresas. Contudo, muitas vezes desconsideramos esses preconceitos, buscando motivos externos e permanecemos, por razões da consciência, cada vez mais à sua mercê.

As condições da consciência se dirigem, em primeiro lugar, à criança em nós, pois é principalmente a criança quem está nas mãos de seu grupo e de sua consciência sem poder se defender. Senão não sobreviveria. Por mais insensato que nos pareçam as condições da consciência, é difícil subtrairmo-nos a elas porque por trás desta consciência existe a ideia de um poder divino que decide sobre o nosso ser e o não-ser.

A riqueza

Quais são as condições e preconceitos da consciência que decidem sobre nosso sucesso e fracasso?

Na Bíblia se transmite um dito de Jesus: “É mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha do que um rico entrar no reino dos céus.”

Qualquer que tenha sido o pano de fundo concreto para esse dito de Jesus, em todo caso, o que nos foi transmitido é que ele se deixava ser convidado pelos ricos e pelos desprezados fiscais do fisco. Sentava-se à mesa com eles e deixava que lhe servissem, de forma que alguns diziam que ele era

um libertino e beberrão. Ele próprio se comportou como um rico quando certo dia alimentou 5.000 famintos. Na Bíblia também está escrito que, após a sua ressurreição, procurou Pedro e os outros discípulos para uma pesca tão abundante que suas redes ameaçavam arrebentar e que, por fim, fritou alguns peixes no fogo. Nenhuma palavra de pobreza e renúncia.

Porém, é certo que num ataque de ira derrubou a mesa dos cambistas do templo e gritou: “Está escrito: minha casa deve ser uma casa de oração, mas vocês a transformam em uma cova de ladrões.” Este incidente foi uma das causas de sua execução porque perturbou os negócios dos cambistas no santuário.

Na consciência do Ocidente, esta emoção contra a riqueza e o efeito desastroso para a salvação de nossas almas continua atuando, tanto na vida pessoal como na vida pública.

Porém, este é somente um lado. Por outro, a nossa consciência vigia o equilíbrio entre o dar e tomar, pois quem toma sente-se culpado, se toma sem dar. Esta consciência serve ao equilíbrio entre o dar e tomar e, por fim, à riqueza para todos.

Este outro movimento da consciência anula o primeiro, mantendo-o em seus limites. Também coloca em ordem as imagens divinas que estão por trás delas e destituem o primeiro movimento.

Há anos investiguei esta relação em uma história que conto mais uma vez como ilustração.

O não-ser

Um monge que andava buscando pediu a um mercador uma esmola.

O mercador se deteve, por um momento e, ao dar-lhe o que pedia, perguntou ao monge:

“Como é possível que você me peça o que lhe falta para viver e, no entanto, precise menosprezar a mim e ao meu modo de vida, que lhe proporcionamos isso?”

O monge lhe respondeu:

“Em comparação com o Último que busco

tudo o mais me parece pequeno”.

Mas o mercador perguntou ainda:

“Se existe um Último

como pode haver algo

que alguém possa buscar ou encontrar

como se estivesse no fim de um caminho?

Como poderia alguém sair ao seu encontro e apossar-se dele,

como se fosse uma coisa entre outras muitas, mais do que muitos outros?

E, inversamente, como poderia alguém afastar-se desse Ultimo, ser menos conduzido por ele ou estar menos a seu serviço do que as outras pessoas?”

O monge retrucou:

“Encontra o Último

quem renuncia ao próximo e ao presente”.

Mas o mercador ainda ponderou:

“Se existe o Último

ele está perto de cada um,

mesmo que esteja oculto

no que nos aparece e no que permanece,

assim como em cada ser se oculta um não-ser

e, em cada agora, um antes e um depois.

Comparado ao ser,

que experimentamos como fugaz e limitado, o não-ser nos parece infinito, como o de onde e o para onde, comparados ao agora.

Porém o não-ser se revela a nós no ser,

assim como o de onde e o para onde se revelam no agora.

O não-ser, como a noite e como a morte, é um começo desconhecido e só por um breve instante, como um raio, nos abre o seu olho no ser.

Assim também, o Último só se aproxima de nós no que está perto e brilha agora. “

Então o monge perguntou, por sua vez:

“Se fosse verdade o que você diz, o que nos restaria ainda, a mim e a você?”

O mercador respondeu:

“Ainda nos restaria, por algum tempo, a Terra”.

Existe ainda uma outra imagem que continua atuando na consciência do Ocidente, influenciando nossa postura perante a riqueza e a pobreza. Foi representada sobretudo no chamado maniqueísmo. Remonta a Mani, que foi crucificado como Jesus, mas em 267. Os maniqueístas foram perseguidos pelo Cristianismo, porém sua doutrina da oposição entre o reino da luz e o reino das trevas e, nesse sentido, a oposição entre o corpo e o espírito continua atuando no Cristianismo de muitas maneiras. Por exemplo, no movimento de pobreza em muitas ordens religiosas. Também nas demais tentativas de superar as leis do corpo através da renúncia, transformando-se em anjos ao invés de permanecer sendo seres humanos. Mostram- se ainda hoje na oposição frequentemente postulada entre o corpo e o espírito e, ao mesmo tempo, na oposição entre pobre e rico.

Este postulado remonta à época anterior ao Cristianismo. Por exemplo, nós o encontramos no filósofo grego Diomedes e o movimento dos cínicos que o seguiu, isto é, daqueles que vivem como cães. E encontramos na Pérsia, em Zaratustra e em sua religião parsi. Eles também fazem distinção entre a riqueza e a pobreza como entre o bem e o mal.

Como superar esses preconceitos e imagens? Somente com uma má consciência, com a coragem de ter uma má consciência. Conseguimos isso quando obtemos, em outro lugar, a força e a segurança para nos tornarmos ricos e continuarmos sendo ricos. Isto é, se entrarmos em sintonia

com um movimento do espírito que permanece igualmente voltado a tudo tal como é, um movimento além da diferenciação entre o bom e o mau, porque tudo tem igualmente sua origem em seu pensamento e por isso só pode ser tal como é.

Toda diferenciação entre o bom e o mau, espírito e mundo, luz e trevas, anjos e seres humanos, culpa e inocência, melhor e pior, pobre e rico se comprova ser arrogância, porque o indivíduo acredita, sob a influência de sua consciência, que pode criar um mundo diferente do que é.

O movimento criativo do espírito é um movimento de amor por tudo, tal como é. Sendo um movimento criativo, dirige-se ao mais do que ao menos, ao sucesso ao invés do fracasso e à riqueza ao invés da pobreza.

Contudo, é um movimento de amor. Nesse sentido, seu movimento criativo é um movimento em direção a mais amor, a um amor abrangente, a um movimento de riqueza e sucesso para todos. E um movimento dirigido igualmente a todos, um movimento que serve igualmente a todos.

A riqueza, nesse sentido, é mais do que uma posse pessoal. Essa riqueza serve. A sua abundância transborda.

Culpa e inocência

Os preconceitos mais importantes da consciência são a culpa e a inocência e o que está relacionado diretamente a elas. Por exemplo, expiação e justiça. Esses preconceitos têm efeitos profundos tanto na nossa vida pessoal quanto no nosso êxito ou fracasso na profissão e na empresa.

O que digo aqui sobre culpa e inocência e sobre justiça e expiação poderá ser compreendido e seguido por aqueles

que puderam se liberar do poder da consciência e que puderam experimentar em si mesmos o que significa ser acolhido por um movimento espiritual que transcende a diferenciação entre o bom e o mau e que conduz tudo à existência, com o mesmo amor, mantendo-o nela.

Posso compreender aquele que percebe dentro de si objeções ao que digo, como: “Mas, o que acontece com aqueles que…”, contudo ele pode comprovar dentro de si, até que ponto se sente melhor do que outros e até que ponto os rejeita em seu íntimo. Então, sentirá de imediato que se movimenta sob o poder da consciência.

Eu o convido a perceber em seu corpo, o que acontece no seu coração, quando se agarra a essa diferenciação e o que muda, quando se deixa levar por um outro movimento, um movimento do espírito, dedicado a tudo tal como é, também a você, e o que muda em seu corpo e seu entorno quando segue esse movimento. Você deixa, por um certo tempo, essas diferenciações em suspenso, nem a favor nem contra. Você também pode perceber o que muda na sua profissão ou na sua empresa e na sua força interior.

Portanto, voltando à consciência e sua diferenciação entre o bom e o mau.

O bom só existe se existir também um mau. O bom se alimenta do mau, também necessita disso, para que possa se diferenciar e se sentir superior a ele. Nesse sentido, o bom é a raiz do mau.

Aqui me movimento, como você percebe, puramente no nível de uma observação acessível a todos.

O que precede aos nossos sentimentos bons e inocentes?

Seguimos um movimento da consciência que exige de nós um pensamento e um comportamento através dos quais adquirimos a segurança para podermos pertencer aos grupos que são importantes para nós, isto é, em primeiro lugar à nossa família de origem. Esse movimento da consciência tem um bom efeito em nós. Sentimo-nos bem e seguros com ele. Essa boa consciência é um travesseiro suave: nele podemos dormir tranquilos.

Ao mesmo tempo esse movimento me obriga a despedir e excluir outros de minha dedicação, pois se pensasse e sentisse como eles e se considerasse bom o que eles consideram bom e certo, colocaria em jogo o pertencimento ao meu grupo. Teria, imediatamente, uma má consciência e me sentiria culpado.

Através disso vivo a experiência como se a culpa e a inocência estivessem em minhas mãos, como se estivesse em minhas mãos me sentir inocente ou culpado. A minha consciência me esclarece e me confirma a cada momento uma ou outra coisa. Só preciso me orientar por ela e segui-la.

A expiação

Quando me sinto culpado, preciso fazer algo para voltar a me sentir inocente. Isso significa que preciso fazer algo que me devolva a segurança de continuar pertencendo, custe o que custar. Preciso me decidir por um lado e rejeitar o outro. Aqui permaneço senhor de minhas decisões e de meu destino -também senhor do destino daqueles que rejeito. Sou o artífice de minha felicidade e da desgraça deles.

Inesperadamente, movimentamo-nos no campo da justiça. A justiça quer restabelecer o bom e castigar o mau, para

repará-lo segundo as condições de minha consciência e, quando não consegue, destrui-lo.

E assim estou em sintonia com o deus de minha consciência que quer a minha justiça, de forma que em seu nome estou autorizado a impor a minha e a sua justiça e posso estar seguro de sua recompensa e o direito de pertencer a ele.

Aqui me detenho internamente.

Meu deus

A pergunta é: esse deus existe? Ele pode existir? Existe um deus que me pertence e outros precisam seguir esse meu deus, para poderem ser finalmente justos a mim e à minha consciência? Ele é realmente apenas meu deus e outros precisam ter esse mesmo deus e segui-lo, para poderem se sentir justos? Ou eles têm, como eu, seu próprio deus, que está por trás de sua consciência e que os deixa serem justos quando o seguem e rejeitam outros, isto é, nos rejeitam como nós os rejeitamos antes? Ou para que seu deus tenha razão e nós não tenhamos razão, precisamos ser condenados e excluídos por eles para que possam se sentir justos?

Aqui nos tornamos totalmente conscientes da estreiteza de nossos movimentos da consciência e dos movimentos da consciência dos outros.

Receio que aqui você possa objetar que me movimentei para muito longe de minha proposta inicial de falar algo sobre os preconceitos que bloqueiam o êxito na nossa profissão e na nossa empresa. Porém continuo nesse caminho e já avancei muito nele. Portanto, agora ao assunto.

Expiação como compensação

Aqui, de forma similar ao capítulo sobre a riqueza, existe um outro movimento da consciência que tem um papel importante, mas em uma direção oposta. Em relação à riqueza, esta conduzia ao sucesso e ao lucro. Aqui leva ao insucesso e à perda.

Este movimento da consciência vela sobre o equilíbrio entre o dar e tomar. Isto significa que temos uma boa consciência quando depois de tomar também damos, de forma que estabelecemos um equilíbrio e uma continuação do dar e tomar, no qual todos ganham por igual.

O mesmo movimento, só que inverso, existe em relação à justiça e à culpa. Nós o conhecemos como penitência e expiação.

O que significa aqui penitência e expiação? Expiação significa que faço algo contra mim ou a outros, algo que causa dores e danos.

Se expio uma suposta culpa, faço algo que me fere e me prejudica para pagá-la e através do dano que me imponho recebo da minha consciência a confirmação de que posso voltar a pertencer.

Referindo-se à minha profissão ou empresa isso significa que pago uma culpa da consciência com o fracasso ou até mesmo com o fracasso de minha empresa.

Como poderia salvar a mim e a minha empresa? Para isso a nossa consciência nos ajuda ou nos prejudica? A expiação ajuda nossa vida ou a prejudica? Prejudica não só nossa vida, mas também a vida de muitos outros?

O deus da consciência

O deus que se imagina que está por trás desses movimentos da consciência como seu senhor e mestre é o mesmo deus criador de tudo que existe e, portanto, voltado ao que ele próprio criou? Ele pode se opor àquilo que ele mesmo criou da forma que é? Ou nós o transformamos em nosso deus para que justifique e recompense nossos movimentos da consciência por mais terríveis e mortais que possam ser para nós e para os demais?

Para que nos recompense com o quê? Com a garantia de que podemos pertencer a ele e ao nosso grupo, mesmo a preço de nossa e de muitas outras vidas?

O outro deus

Espero que tenha deixado claro como a consciência precisa de um esclarecimento que, por um lado, reconhece a sua importância para nossos relacionamentos e, por outro, traz à luz os seus limites. Um esclarecimento que desmascara o absurdo de muitas das exigências da consciência e a presunção com que se coloca no lugar de deus e ousa decidir sobre a vida e morte, salvação ou perdição, não apenas nesta vida, mas muito além dela, por toda a eternidade. Por exemplo, no inferno eterno.

Depois desta preparação, você está disposto a ultrapassar os limites da consciência, procurar por uma saída e ousar dar os primeiros passos em uma direção que nos leva a entrar em sintonia com um movimento criativo - eu o denomino aqui movimentos do espírito - que atua por trás de tudo igualmente? Também por trás de nossa culpa? Também por trás daquilo que procuro transmitir aqui, que está a serviço de um amor que une aquilo que os movimentos da consciência tentam exteriorizar e contrapor?

Para isso ainda gostaria de expor algumas reflexões fundamentais antes de começar com a aplicação prática em relação à nossa profissão e nossas empresas.

Os movimentos do espírito

Aristóteles observou que tudo o que existe se movimenta e também que este movimento não procede de si mesmo, mas que precisa vir de um outro lugar. A partir disso deduziu a existência de um primeiro motor.

Este primeiro motor precisa ser algo espiritual porque tudo aquilo que se movimenta tem um sentido, está em sintonia com muitas outras coisas que se movimentam com ele numa inter-relação prática. Porém não podemos imaginar que, antes ou ao lado deste poder espiritual que movimenta tudo, existiu uma outra coisa que o movimenta, isto é, que este poderia ser um segundo motor que se acrescenta a um outro que existiu antes dele. Senão esse outro seria o primeiro. Tudo aquilo que esse poder movimenta existe somente através dele. É o poder criativo pelo qual tudo tem a sua existência e entra em movimento através dele.

Como podemos imaginar isso? Tudo existe porque esse poder espiritual o pensa, porque o pensa e o quer tal como é. Pensa e se movimenta criativamente.

O que resulta disso?

1º E difícil imaginar que para este espírito criativo possa existir algo que se oponha a ele ou que ele possa rejeitar ou perder. Pois para onde poderia ir e cair, a não ser regressar a ele, à sua origem?

2º Algo se pode elevar até este espírito criativo, por exemplo, ofendê-lo? Algo pode merecer uma compensação

ou um castigo por aquilo que faz, se nada pode se movimentar por si mesmo de uma maneira que possa aproximar-se ou afastar-se dele?

3º Pode existir culpa ou inocência anterior a esse espírito? Alguém pode causar um sofrimento a um outro ou tirar a sua vida sem que esse espírito o queira e que o realize através dele? Existe, nesse sentido, um agressor e uma vítima? Existem, perante esse espírito criativo, um que é pior e um outro que é melhor?

4º Podemos supor que ser e perecer é uma coisa só, no sentido de que a vida continua, porque um vai e o outro vem? Portanto, aquilo que vai e precisa partir está em menos sintonia com esse movimento criativo? Pode terminar como se com ele seu tempo tivesse acabado neste mundo?

5º Podemos observar que todo progresso resulta da interação de movimentos opostos. Por acaso este espírito criativo serve-se desses opostos e de seus diferentes movimentos em direções opostas, para depois reuni-los de tal maneira que ambos estejam igualmente a seu serviço mesmo que de maneira diferente? Por exemplo, o homem e a mulher, cada um de sua maneira? Portanto, que o denominado bom e o denominado mau, sejam desejados por ele e o sirvam igualmente?

6º Devemos e podemos considerar que alguns sejam bons e lamentar por outros que parecem se opor? Não deveríamos nos submeter tanto a um como ao outro, concordar, em sintonia com esse movimento criativo, não importando o que este exija de nós e dos outros?

7º Devemos ter compaixão de um outro, como se aquilo que lhe acontece está menos nas mãos desse poder criativo ou menos guiado por ele?

Então para muitos surge a pergunta: o que acontece com o nosso livre arbítrio?

Ele também é um movimento do espírito, seja lá o que for que decidimos com ele. Não pode estar nem a favor nem contra esse movimento.

Uma outra pergunta é: o que acontece com aqueles que permanecem na esfera da boa e da má consciência? Estão separados dos movimentos do espírito?

Também lhe pertencem e fazem necessariamente parte daquilo que no final permite e impõe o novo. Agora paro com essas reflexões e trago um exemplo.

O passo decisivo

Em Hong Kong uma mulher posicionou uma representante para sua empresa e, em frente a ela, uma representante de si mesma. A representante da empresa olhava para o chão, o que indicava que estava olhando para uma pessoa morta. Quando coloquei uma representante para a pessoa morta, deitada de costas em frente à empresa, esta se dirigiu a ela e se ajoelhou em sua frente. A representante da mulher também se sentiu atraída em direção a essa pessoa morta, ajoelhando-se igualmente em sua frente.

Era evidente que nem a empresa nem essa mulher tinham perspectivas de sucesso. Ambas sentiam-se atraídas por esta pessoa morta.

Aqui interrompi a constelação. A empresa e a mulher se movimentavam dentro dos limites da consciência e não se via uma solução na direção do sucesso, nem para a mulher nem para a empresa.

Quando perguntei para a mulher quem seria a pessoa morta, mostrou-se que representava uma criança abortada. Nesta constelação movimentávamo-nos totalmente na esfera da consciência e na esfera da culpa e expiação. Dentro da esfera da consciência não existia uma saída nem para a mulher nem para sua empresa. Ambas queriam ir para uma morta, o que no final significa que ambas queriam morrer. Aqui se mostrou que uma empresa possui uma alma e se comporta e precisa se comportar como uma pessoa.

Então mudei os níveis. Conduzi a mulher além dos limites de sua consciência no nível do espírito. O que isso significa?

Fiz com que a mulher se levantasse e pedi que a representante dessa pessoa morta se deitasse novamente à sua frente. Solicitei à mulher que olhasse para além dessa pessoa morta, para uma luz branca distante e que desse um passo por cima da pessoa morta sem baixar a vista em direção a ela, tão logo sentisse a força dentro de si para isso.

Depois de um certo tempo ela foi capaz de dar esse passo. Ainda deu mais alguns passos para a frente e de repente se sentiu cheia de força. Havia saído da esfera de sua consciência e estava disposta a servir à empresa com a sua vida, a servir à vida com sucesso.

No final perguntei ainda à representante dessa morta como estava. Ela se sentia aliviada e em paz.

“Eu em seu lugar”

Há aqui ainda um outro preconceito da consciência que bloqueia o sucesso, levando ao fracasso.

Em nossa família de origem e em todos os outros grupos ainda atua um segundo nível de consciência, entretanto

geralmente inconsciente em nossa cultura. Essa consciência remete cada um ao seu próprio lugar correspondente à sequência do pertencimento a esse grupo. Essa lei exige que os que vieram depois reconheçam que aqueles que já pertenceram a este grupo antes deles têm precedência e que ninguém que veio depois possa assumir uma responsabilidade pelos anteriores, no sentido de querer salvá-los, de querer assumir o destino deles e, como última consequência, de querer morrer em seu lugar.

Por exemplo, os filhos dizem à sua mãe quando veem que ela quer ir ou morrer: “Eu em seu lugar”. Dizem isso em seu íntimo, amplamente inconscientes, contudo com todas as consequências. Dizem isso por amor, em sintonia com aquela consciência que sentimos como culpa e inocência e ao fazê-lo se sentem bem e grandes. Sobretudo sentem que com isso adquirem um direito maior de pertencimento a esta família mesmo que seja através de sua própria morte. Esse movimento da consciência os impulsiona à morte.

E fácil imaginar o que acontece com eles em sua profissão ou empresa, se é que conseguem chegar a esse ponto. Via de regra renunciam antes de alcançar algo e se juntam ao grande grupo dos inúteis, esperando se acabar com eles, se acabar felizes com eles. Pois a crença na promessa de sua consciência de que terão um direito especial de pertencer ao seu grupo tem precedência em sua alma perante qualquer outro sucesso.

Encontramos nas tragédias esse comportamento e a precedência de pertencer ao seu próprio grupo, mesmo a preço da vida. O herói que morre assume algo por aqueles que vieram antes dele. Coloca-se numa posição superior a deles, sente amor por eles, sente-se maior - e fracassa. Pois a lei da hierarquia que diz que nenhum membro posterior pode se elevar acima de um anterior e assumir algo por ele

é inflexível, quase divina. Respeitá-la é uma lei básica para o sucesso e o seu desrespeito, frequentemente por não ser nem conhecido, leva ao insucesso e à perda em muitas empresas.

Um exemplo:

“Eu sigo você”

Um jovem de 14 anos não queria mais aprender na escola. Tinha se proposto a ser um fracassado.

Numa constelação estava com sua professora em frente à sua mãe e seu pai. Foi uma constelação com as pessoas reais. Quando eu o vi, vi a sua tristeza e lhe disse: “Você está triste.” Imediatamente lágrimas rolaram pelo seu rosto e da sua mãe também. Vi que estava chorando as lágrimas da mãe. Ela é que tinha motivos para chorar.

A mãe tinha uma irmã gêmea que havia morrido logo após o nascimento. Coloquei uma representante para essa irmã gêmea, um pouco afastada, olhando para fora, pois ela havia partido. Então coloquei a mãe atrás da irmã gêmea e perguntei-lhe como estava. Ela disse: “Aqui me sinto bem.” No fundo estava dizendo à sua irmã gêmea: “Eu sigo você.”

Isto é um outro movimento da consciência, que afasta da vida e do sucesso. Também nela se mostrou que o pertencimento a uma pessoa querida tem precedência à própria vida, portanto esse movimento vai além da vida.

Para a mãe esse movimento não ia até esse ponto. Tinha um filho que, ao perceber em sua alma o movimento da mãe em direção à morte, dizia em seu íntimo: “Eu em seu lugar.”

Então coloquei o filho atrás da irmã gêmea morta de sua mãe e perguntei-lhe como se sentia. Ele disse: “Aqui estou

bem.” Quando perguntei à mãe, como estava ao ver o filho atrás de sua irmã gêmea, disse: “Agora me sinto melhor.”

O que esse exemplo traz à luz em relação aos que fracassam em sua profissão? Eles dizem a uma pessoa querida: “Eu em seu lugar.” Seu fracasso é, portanto, um movimento da consciência que segue o preconceito: “Através do fracasso eu pertenço.” “Pertenço a uma pessoa querida que permanece viva se eu partir.”

Contudo, aqui no caso da mãe desse jovem, a ânsia de seguir a querida irmã gêmea na morte vibrava o mesmo movimento da consciência: “Se morrer, também pertenço, voltarei a ser uma com ela.” Por trás disto também está a ideia de que estes mortos também estarão melhor se nos unirmos a eles na morte. A morte deles é negada nesse movimento como se sua vida seguisse depois de morta.

Qual seria a solução nessa constelação? A mãe incluir a irmã gêmea morta na família ao invés de se unir a ela na morte. Por isso coloquei a gêmea morta nessa constelação ao lado da mãe. De repente todos ficaram felizes.

Então pedi à mãe para olhar para o filho e lhe dizer: “Agora eu fico e fico feliz se você também ficar.”

O filho ficou todo radiante. Nada mais bloqueava o seu sucesso.

A solução aqui resultou de um movimento da consciência invertendo o movimento original que conduzia à morte.

Todos puderam permanecer vivos, com a consciência tranquila, puderam ter sucesso com a consciência tranquila e expor-se totalmente à vida.

“Eu aqui, você lá”

O que se passa quando uma criança que está emaranhada no movimento “Eu em seu lugar”, percebe esse movimento da consciência muitas vezes sem ajuda exterior, mas não sabe como liberar-se disso? Como uma criança assim pode se liberar do emaranhamento para um outro destino e se tornar um vencedor? Então, o que acontece com aqueles para os quais dentro da consciência não existe nenhuma saída porque aqueles pelos quais querem ser infelizes, doentes e morrer não podem ser detidos no seu caminho? Qual seria a solução para eles?

Eles renunciam ao pertencimento a essa pessoa e a esse grupo. Fogem ao preconceito da consciência e se tornam independentes dele. Tornam-se independentes e simultaneamente solitários. Alguns tentam, enquanto dizem a essa pessoa internamente: “Mesmo que você vá, eu fico.”

A pergunta é: ficam através disso realmente livres? Será realmente uma despedida real ou uma despedida com sofrimento e tristeza? Eles conseguem isso?

No nível espiritual consegue-se uma despedida total e leve, em sintonia com um movimento criativo, que diz a cada momento: “Veja, eu faço tudo de novo.” Ela faz tudo, tudo de novo para todos, para nós e para aqueles que querem partir e até devem partir.

A frase interna, através da qual conseguimos essa despedida é: “Eu aqui, você lá.” Essa frase vem de um profundo respeito pelo destino deles e do nosso.

Para onde vai esse respeito? Ele se dirige a esse espírito criativo. E devoção a ele. Quando conseguimos essa devoção, nosso respeito pelo próprio destino e o dos outros se transforma em amor por eles e por nós, porém sem vínculo. Somos livres e eles são livres. Conectados e unidos

a eles, estamos simultaneamente sozinhos e com muitos outros, a serviço desse espírito e da vida que nos foi presenteada e predeterminada para cada um de outra maneira.

Ficamos liberados através de um outro amor que respeita e ama tudo tal como é e será no futuro. Sem preconceito, sem vínculo, sem passado, no aqui e agora com sucesso, cada vez mais direcionado para a frente e em direção a uma plenitude crescente.

Esse outro amor é a vida pulsante, a vida que serve com criatividade, em sintonia com o amor que quer tudo da forma que vier, que quer vir com sucesso, que pode se tornar realidade e ser realidade porque queremos servi-lo, tornando-se realmente criativo, tanto para nós como para muitos.

CENTRADOS

Em relação ao nosso sucesso, centrados significa que todas as forças permanecem juntas e direcionadas a uma meta a ser alcançada, sem nos deixarmos deter ou distrair por coisas secundárias. O sucesso vem através do desempenho centrado em direção ao essencial.

Nesse sentido juntamos às nossas forças os funcionários e aliados que conquistamos para alcançar nossa meta. Juntamos suas forças e capacidades, direcionando- as a essa meta.

A força centrada gera alegria. O sucesso reluz já nos primeiros passos, estimulando-nos. Através desse centramento o trabalho avança com facilidade mesmo quando parece ser difícil.

Precisamos conduzir os outros centrados, pois se trata de nosso projeto e sucesso. Isto é, ninguém está na nossa frente, todos estão atrás de nós. Nós conduzimos, os outros seguem. Sem a liderança centrada, as forças individuais se dissolvem e seguem seus próprios caminhos, perdendo de vista a meta em comum. Elas as freiam e, ao invés de olhar para a frente, olham para si mesmas. Por isso a liderança centrada é simultaneamente rígida. Apenas aqueles que a acompanham, podem ficar.

Esse é o outro lado do centramento. Separa o joio do trigo. Apenas quem está a serviço, marcha junto.

Quem quiser acompanhar centrado dessa forma o caminho de nossas metas, colocando sua força a seu serviço, também terá sucesso. Nessa tarefa crescerá para além de suas limitações, adquirirá prestígio, será apreciado e requisitado

por muitos, ascendendo a postos de liderança, reunindo outros ao seu redor, encabeçando-os.

Centrados, olhamos para a frente. Nesse sentido, o centramento nos libera para aquilo que está à nossa frente, sem que nada do passado nos obrigue a voltar para trás.

Todo o criativo está centrado em direção ao sucesso. Centrado, supera tudo o que o aguarda.

O centramento começa no espírito. Está desperto, percebe muitas coisas simultaneamente e capta num instante o passo seguinte a ser dado.

Esse centramento se detém quando muitas coisas se desfazem. Ele espera, sem ceder, até que elas voltem esgotadas e por si mesmas. Ele reúne as forças dispersas se elas estiverem dispostas a voltar, conduzindo-as novamente para a meta, sem olhar para trás, sempre seguindo adiante.

Uma meta que nos promete algo precioso nos atrai. Somente aquelas metas que servem à vida de muitos têm essa força de atração. Portanto, a meta vem ao nosso encontro por si mesma.

Ela nos atrai de tal forma que sabemos que estamos centrados em sua direção, em sintonia com as forças com as quais servimos a essa meta. Simultaneamente vivenciamos que estamos transcendendo esta meta, ganhando a força decisiva e criativa que nos leva consigo, alegres e felizes para uma vida plena e de sucesso.

DEVAGAR SE VAI AO LONGE

O tempo corre depressa, mas corre sem pressa. Ele sempre tem tempo: mais do que o suficiente. Nós também temos tempo quando o acompanhamos.

Por que corremos? Porque pensamos que nosso tempo é limitado e por isso também apressamos os outros.

O que acontece nesse momento? O tempo escapa de nós e deles.

O sucesso vem e vai com o tempo. Com que tempo? Com aquele tempo que tem tempo.

Tudo o que cresce partindo de dentro tem tempo. Nada tem mais sucesso do que aquilo que cresce e pode crescer. Seu sucesso está predeterminado e por isso chegará com toda certeza a seu tempo. Algumas vezes forças externas interferem e destroem seu sucesso. Por exemplo, uma tempestade. Com isso seu tempo passou, algumas vezes para sempre. Então começa seu tempo adequado, para outra coisa.

Nosso sucesso segue as leis do tempo, segue adiante como tempo, segue adiante como sucesso. Assim como o tempo aumenta com o tempo, o nosso sucesso também. O tempo não olha para trás. Algumas vezes olhamos para trás, porém, o tempo nunca. Ele vem sempre de novo.

O que fazemos quando o tempo urge? A questão é: quem urge? Alguém ou nós mesmos porque pensamos que o tempo está contra nós e nos abandonará se não o pegarmos em nossas mãos. Porém o tempo que urge é raramente o tempo certo. Além disso é sempre temporário.

Justamente quando estamos com pressa é que o tempo se atrasa. O tempo pleno é sempre lento. É ponderado e refletido.

Algumas vezes dizemos que tempo é dinheiro. Que dinheiro? Dizemos e negociamos segundo a ideia de que quanto menos e quanto mais curto o tempo, tanto maior é o lucro.

Não queremos perder de nenhuma maneira as conquistas que poupam nosso tempo. A questão é se elas nos dão mais pausa. O nosso tempo é mais longo ou mais curto com elas? Ou é demais, de tal forma que ansiamos por um pouco de descanso, por um tempo recolhido?

No tempo recolhido a pressa acaba. Ele é o tempo criativo. Nele nos voltamos a nós mesmos, não importando se outros ou nós o apressamos.

No recolhimento o tempo se detém por uns instantes. Mesmo assim está em movimento. Está num outro movimento que nos leva por uns instantes a algo que permanece.

O tempo urgente passa por nós. Assim como vem, vai, sem que nada dele permaneça.

Mesmo assim, o abundante e o permanente colaboram um com o outro, como também o que urge com o que permanece. Nós nos demoramos recolhidos ao concordarmos também com o urgente, ambos a seu tempo.

Nosso sucesso também permanece? Nosso sucesso termina quando nos detemos nele. Pois ele quer seguir, centrado, de forma pausada, servindo, crescendo em sintonia com o permanente, confiante, uno, além do tempo, com o eternamente novo.

GANHAR DEIXANDO

Deixar significa que permitimos que as coisas sigam seu curso por um certo tempo, como se se movessem por si mesmas, sem nossa interferência, até que elas mesmas revelem para onde se movem.

Quando não tentamos conduzi-las elas se afastam e quando as soltamos podemos deixá-las partir. Quando deixamos que elas sigam seu caminho ficamos liberados para outras coisas.

Quanto mais deixamos de lado aquilo que depois de um certo tempo se torna mais uma carga do que uma ajuda, tanto mais dispostos estaremos para o essencial. Algumas vezes, visto de fora, parece ser menos, porém, no decorrer do tempo, nos enriquece mais, a nós mesmos e aos outros.

Como sabemos que algo se afasta de nós e quer ir para um outro lugar?

1. Quando nos causa preocupações e não sabemos como lidar com ele. Quando novos obstáculos se acumulam, sinalizando, de muitas maneiras diferentes, que com o tempo não poderemos ter uma boa relação com este projeto.

2. Quando perdemos a vontade e, ao pensar no projeto, sentimos uma pressão no peito ou um peso nos ombros que nos pressiona ao invés de nos estimular.

3. Quando, ao imaginar que abandonamos esse projeto, respiramos aliviados, recuperando nossa confiança e força.

Um projeto ou um produto se comporta como uma pessoa, como se tivesse uma alma, uma finalidade e um tempo

prefixados. Como se um projeto ou um produto fosse algo vivo, que tem seu início, alcança sua maturidade e lentamente se reduz até que termina, cedendo lugar para o seguinte, para algo novo e diferente.

Uma outra reflexão seria: esse projeto e produto acrescentam algo ao anterior ou tiram algo dele com o tempo? Serve ao anterior, de forma que este se alegra e cresce com ele, sem tirar algo dele? Ou o anterior precisa servir ao novo projeto e produto de forma que se reduz, perdendo algo para este novo? Ou ao soltar o que parece ser sedutor, o novo ganha acesso a algo que lhe corresponda mais, crescendo sem que isso lhe signifique uma carga?

Ainda precisamos nos fazer uma outra pergunta: como reage o nosso entorno sobre o algo novo que anunciamos? Será bem-vindo? Combina com o nosso entorno, levando-o adiante?

Como em relação a tudo na nossa vida, também é importante que entremos em sintonia com um movimento que serve simultaneamente a muitas coisas, que reúne muitas coisas num efeito recíproco no qual todos ganham.

Então, qual seria a pergunta real? Ela seria: o nosso projeto e nosso produto servem com amor à vida de muitos?

MILAGRES

Milagres acontecem. De repente as circunstâncias se unem de maneira tão favorável que ficamos admirados que tudo tenha se movido na mesma direção e tenha obtido êxito, algo que no início acreditávamos ser impossível. Ou quando escapamos do perigo de uma forma quase milagrosa, quando tudo já parecia estar perdido.

Tais milagres nos acompanham a cada passo na nossa vida e profissão. Experimentamos isso como um presente do céu, como se outras forças, superiores a nossa própria capacidade e compreensão, nos tivessem acompanhado, sustentando e conduzindo nossas ações no momento decisivo.

Nossos sucessos se incluem em um movimento que ultrapassa nossos limites. Esse movimento nos acompanha quando agimos e nos detém quando ameaçamos ir longe demais. Mantém afastada a desgraça de nós, grande e pequena, mesmo que às vezes a um preço alto.

Nossos êxitos são mais do que nossos êxitos. Para continuar, obrigam-nos a confiar em outras forças e a servir em sintonia com elas.

Essas forças são criativas. A questão é: como entramos e nos mantemos em sintonia com elas? Entramos em sintonia com elas quando estamos a serviço da vida, com amor.

E com isso permanecemos em nossos limites, às vezes de forma estreita, outras, de forma ampla. Também os trocamos, mas sem nos opor a eles. Rilke diz a esse respeito em seu poema “O contemplador”:

“O eterno e desconhecido

não quer ser curvado por nós. “

Reconhecemos seu efeito - e seu êxito - em todas as partes, igualmente maravilhoso, tanto em uma como na outra.

INESPERADAMENTE

O inesperado surpreende. Por exemplo, uma visita inesperada ou quando algo dá certo de maneira inesperada. De repente, algo se encaixa acima de nossas expectativas e contra nossos receios. Então dizemos: “Deu certo novamente.”

No decorrer do tempo nos adaptamos a muitas coisas inesperadas. Como? Confiantes. Muitas vezes a confiança força a chegada de algo contra todas as expectativas. A confiança traz alegria.

O mesmo vale, de forma inversa, para o temor. Ele paralisa nosso entusiasmo. Atrai o que receamos. Chega como se fosse algo que esperamos secretamente.

Nesse sentido, os grandes êxitos começam no interior de nosso espírito, também muitos fracassos. A confiança e o temor colocam algo em movimento. Com eles já estamos a caminho, tanto para um como para o outro.

O sucesso inesperado é mais do que ousávamos esperar. Contudo está sempre perto. Chega, inesperadamente, neste instante. Por isso nos adaptamos a ele neste instante. Então dizemos: “Agarramos a oportunidade pelos cabelos.”

Muitas vezes chega uma compreensão decisiva. Depois de algum tempo essas compreensões chegam continuamente, quando as necessitamos, porque estamos seguros delas. Chegam inesperadamente como uma felicidade profunda. Com nossa confiança nós as encontramos a cada passo.

Dessa forma nos transformamos em uma felicidade inesperada para outros quando nossos olhos brilham ao

encontrá-los.

O nosso sucesso nos acompanha com a felicidade. Pois a felicidade que nos tornamos para outros é o nosso melhor sucesso. Reflete-se de volta para nós.

Também as coisas que tocamos, as tarefas que superamos, tudo o que conseguimos afortunadamente refletem-se nos outros. Vêm ao nosso encontro com felicidade, muitas vezes de uma forma que ficamos admirados. O seu sucesso e o nosso sucesso se transformam em uma mesma coisa. Transformam-se em mais do que nós e os outros ousávamos esperar. Por exemplo, a nossa saúde e a felicidade do amor.

A LUZ

Nós não vemos a luz. Só vemos o que ilumina e de onde irradia. Por exemplo, uma face radiante, uma luz interior. Também a iluminação ou uma compreensão são uma luz interior.

Algumas vezes a luz é clara, tão clara que ofusca. Cega mais do que ilumina. Oculta ao invés de mostrar. Fechamos os olhos perante ela.

A luz mais suave nos ilumina na transição do dia para a noite, no crepúsculo. O sol já se pôs e cai a noite. Dia e noite já são praticamente a mesma coisa.

Então começa a brilhar outra luz em nossa vida. Esta luz ilumina na escuridão. As vezes, repentinamente e breve como um raio. Às vezes com claridade, apesar da noite, quando a lua reflete a luz do sol, embora este já tenha se posto. Primeiro pouco, depois crescendo e decrescendo, até que a sua luz também escurece e somente as estrelas distantes cintilam.

Para nós não existe escuridão sem que ainda exista uma luz ao longe, um raio de luz.

A luz na escuridão tão infinitamente longe de nós, penetra com especial profundidade em nossa alma. Perante ela ficamos humildes e pequenos.

E assim que acontece com nosso sucesso. Algumas vezes nos ofusca e, dominado por ele, fechamos os olhos. Depois do sucesso do dia, quando o sol se põe, nós o deixamos lentamente, preparando-nos para a escuridão, para a noite.

Contudo esta noite nunca é escura. Nela ilumina um reflexo da claridade que se põe. Algumas vezes de repente, por um instante, como um raio próximo e o ruidoso eco do trovão. Algumas vezes como uma lua que nasce e volta a desaparecer e finalmente como as estrelas, aparentemente fixas e infinitamente distantes e inalcançáveis para nós.

De repente nos sentimos acolhidos, centrados e silenciosos, com nosso sucesso, em outro lugar. Nasce conosco em outro lugar, luz de luz, somente se refletindo e, não obstante, plenamente presente.

ORGULHO DE PROPRIETÁRIO

NÓS gostamos de mostrar as nossas conquistas. Deixamos que outros participem de nossa alegria por elas. Se eles se alegram, então nós nos alegramos ainda mais.

Estamos fazendo alarde com isso? É claro que sim. Uma árvore também o faz quando, no outono, abundantemente carregada com a conquista do ano, suas frutas caem servindo com sua vida a si mesma e a muitas outras.

Preferiríamos uma árvore parcialmente murcha com uma colheita escassa? Ela ainda pode nos dar alegria? Ela pensa realmente nisso? Nós nos alegramos quando outros mostram sua pobreza ou a negligência com que deixam que algo malogre, sem cuidados, sujo e arruinado? Isso seria um estímulo para nós? Isso nos convida a imitá-lo?

Quem se orgulha de suas conquistas, cuida delas. Cuida de seus êxitos, os conserva e os multiplica, sendo estimulado a conquistas maiores.

É diferente quando alguém esconde seus êxitos de outros porque tem medo que tenham inveja deles. Ele ainda vai multiplicá-los? Ele somente os possui e fica sentado em cima disso como Fafner, o verme, na ópera Siegfried de Wagner, sobre o tesouro dos Nibelungos. Ele o desfrutava? Causava alegria aos outros com isso? Era realmente rico com isso?

Quem tem orgulho de suas posses e daquilo que conquistou permite que outros também participem delas. Gasta em abundância. Atrai outros com seu orgulho e com o que tem a oferecer e oferece. Eles o admiram.

Uma outra pergunta é: o que acontece conosco quando ficamos orgulhosos com as nossas conquistas?

Por dentro nos sentimos amplos, abundantes, tanto mais quando partilharmos com outros. Esse orgulho de proprietário é alegria de viver que arrebata, é alegria de viver que transborda.

Existe também um orgulho espiritual de proprietário, com o qual nos alegramos, do qual deixamos que muitos outros participem. É um orgulho de uma habilidade especial. Por exemplo, quando alguém consegue fazer uma obra de arte ou um músico domina completamente o seu instrumento. Somente porque se orgulha de sua capacidade atrai outros quando toca, orgulhoso de poder tocar algo para alegria de todos.

Especialmente belo é o orgulho de proprietário nos pais, quando o mostram pelos seus filhos. Eles são a sua maior conquista. Seu orgulho de proprietário é amor. Não porque sejam melhores do que outros pais. Todos os pais são igualmente bons. Eles têm o mesmo motivo para ter orgulho de seus filhos.

O que se passa com os filhos quando seus pais se orgulham deles? Ficam radiantes e se sentem mais intimamente ligados a eles, ligados com êxito.

Na Bíblia se diz de Deus: “Deus viu tudo o que fez e viu que tudo era muito bom.” Que orgulho de proprietário, quanto amor!

Podemos imitá-lo, sendo orgulhosos em seguir a sua imagem? Para sermos orgulhosos de forma transbordante, com amor por tudo o que conseguimos? Sermos orgulhosos e gratos, felizes, unidos com sua criação e com seu orgulho de proprietário?

AGORA

O agora é um tempo intermediário - pelo menos parece ser assim para nós - entre o que chega e o que foi. Mas o agora é o único tempo que existe. O porvir está por vir e o passado passou.

Embora o passado ainda atue no agora, o agora se dirige ao porvir e o prepara.

Quando olhamos demais para o porvir, embora ainda não esteja aqui, por exemplo, quando nos preocupamos com aquilo que pode vir, o porvir se coloca no lugar do agora.

Teremos mais do agora e teremos a sua plenitude com todas as suas possibilidades se o porvir permanecer amplamente aberto no agora e deixar espaço para o inesperado. Sobretudo poderemos responder imediatamente ao porvir, não importa de que forma, livre de preocupações e livre de expectativas, presentes plenamente no instante para o porvir.

Neste momento deixamos o porvir com as forças de onde procede. Estamos em sintonia com essas forças para o porvir, recolhidos, dispostos agora.

Assim como o porvir nos afasta do agora, porém para a frente, o passado nos afasta do agora para algo que passou. Isso nos afasta para trás, com nossos sentimentos, para algo passado, por exemplo, para algo não solucionado e incompleto de nossa infância. Preenchemos esse agora com esses sentimentos. Ao invés de agir de uma forma que nos leva para a frente, nos sentimos paralisados com esses sentimentos. Repetimos no agora algo passado ao invés de deixarmos que isso fique no passado.

Toda vida que prossegue plena vive agora, vive com todas as suas possibilidades no momento atual.

Como temos êxito na nossa vida? Quando o agora pode ser puramente agora, recolhido puramente em nossos pensamentos e no que nos é possível agora.

Essa purificação é uma conquista. É a conquista mais abrangente. Ela realiza a vida plena agora, somente agora.

Nós só precisamos imaginar como planejamos o agora com esse centramento puro, negociamos algo, colocamos algo em movimento, direcionamos algo, fazemos algo. Qual é o efeito nos outros? Nós os levamos conosco, centrados com sucesso

nesse instante do agora, com a visão da meta agora, tal qual aparece agora e nos atrai agora, deste agora para outro agora, todas as vezes de forma diferente e nova.

PERDAS

“O que os olhos olharam outrora a um lento apagar das chamas das chaminés: olhares da vida, para sempre perdidas.

Ah, da Terra, quem conhece as perdas?

Somente aquele que, não obstante, com um som louvante, cantara o coração nascido no todo. “

Assim escreve Rainer Maria Rilke na segunda parte de seu segundo soneto a Orfeu.

Em cada instante algo se perde. Acaba para sempre. Acaba porque o próximo já está aqui, mas que igualmente cederá como uma perda ao próximo que virá.

Esta é uma visão que parte da perspectiva individual. Porém o coração, porque nasceu em um todo, conserva as perdas como algo precioso.

E o que acontece com todas as perdas. Quando nosso olhar nelas se detém, ficam perdidas para sempre. Nós olhamos como elas se apagam e, após olhar para a chama apagada, olhamos para as cinzas que ficam.

Isso foi o último fogo? De suas chamas já começa o próximo fogo, o fogo do todo que continua incandescendo ao próximo amor vivo? Logo surge de seus escombros uma outra casa maior?

Por isso também as perdas fazem sempre parte do sucesso, às vezes perdas graves. Daqui extraímos uma força especial ainda maior que acende o próximo fogo.

Onde fica o nosso coração com nossas perdas? Ele leva as perdas para o próximo instante? Ele as leva ardentes ao todo permanente?

Como as levamos realmente ao nosso todo? Deixando-as no passado. Somente como algo perdido pertencem ao nosso todo. Se podem ficar perdidas, nos liberam para o próximo que virá.

A PLENITUDE

A plenitude transborda. Não pode reter nada. A plenitude humana flui através do amor. A plenitude não necessita de reabastecimento, se renova de forma criativa de instante a instante. O criativo não conhece a carência.

Dessa forma nossos êxitos se renovam. Transformam-se em mais, à medida que transbordam e se tornam um ganho para muitos, ganho este que transborda sobre eles. Existe algo que pode estar mais a serviço da vida e de sua plenitude crescente?

Esses êxitos nos presenteiam com muita alegria de viver, através deles conquistamos muitos amigos. Isso também é um êxito, talvez o nosso êxito mais belo.

Somente aquilo que está pleno, mas não se move, fica oco e podre. Pois a plenitude flui. Ela se renova quando transborda.

Inversamente perdemos aquilo que queremos segurar e conservar para nós. Embora pensemos que o temos e o possuímos, se consome. Transforma-se em menos e se esvazia lentamente.

Quando, depois de um certo tempo a nossa fonte parece secar, ela acaba com isso? Ela segue fluindo através de outros como a vida através de muitas gerações.

De modo semelhante acontece com nossos êxitos. Têm seu momento porém não secam. Tudo o que serve à vida, prossegue com ela. Quando a nossa fonte parece secar, nuvens novas ascendem, trazendo chuva em abundância, cujas águas empurram para sair à superfície através de

muitas fontes e seguem fluindo através delas. Dessa mesma maneira nossa vida e nossos êxitos seguem, caudalosos e criativos através de muitas fontes novas.

O que isso significa por outro lado? Que acolhemos de forma criativa o que nos chega da plenitude de muitas pessoas e nos transbordamos para muitos com a nossa plenitude, com o nosso e seu sucesso, com nosso e seu amor.

ABERTO

O aberto dá espaço. Ele nos convida. Por exemplo, uma porta aberta e um portão amplamente abertos.

Infinitamente aberto nos parece ser o universo, tão aberto que segue expandindo-se a uma velocidade inimaginável para nós. Aqui o aberto é ilimitado.

No que se refere a nós, falamos de uma disposição aberta. Está aberta ao novo, isto é, olha sempre para a frente.

O aberto tem uma direção. Está aberto para o porvir, segue adiante e permanece em movimento. Esse movimento segue adiante e para a amplidão. Vai para a profundidade, onde algo se fecha a ela.

O aberto nos concede entrada por qualquer lado. Por exemplo, a visão aberta, o ouvido aberto, a mão aberta, a casa aberta, o espírito aberto, o futuro aberto, o amor aberto.

A primeira porta que se abriu para nós é o nascimento. Por essa porta entramos na vida, através de uma porta estreita e muitas vezes no limite de nossas forças. De repente o nosso entorno fica amplo.

Por que digo isso?. O que quero dizer com isso?

Cada êxito abre uma porta. Leva-nos de um estreitamento, através de um limite, para adiante, ao amplo. Por isso não se deixa segurar. Nós o conservamos na medida em que segue adiante. Se parar, acaba. Não existem êxitos velhos, somente novos.

Rilke fala desse movimento em seu 12° Soneto a Orfeu, na segunda parte.

“Aquilo que se fecha ao permanente já está petrificado:

Acredita estar seguro através da proteção do singelo cinza?

Espere, algo duríssimo ameniza de longe o duro.

Ai!: o martelo ausente prepara o golpe. “

Como nos abrimos e permanecemos abertos? Através da participação. Nós concedemos a nós e aos outros a vida plena que toma e dá ao mesmo tempo, que toma tudo e dá tudo. Concedemos à nossa vida e às suas vidas que prossigam plenamente. Nesse sentido concedemos à nossa vida e às suas vidas o progresso, pois sucesso é progresso.

Aberto sobretudo à alegria, a alegria em relação a tudo que conseguimos junto com muitos outros.

A COLABORAÇÃO

Os êxitos são obtidos quando muitos colaboram, cada um no seu lugar especial. Se alguns colocarem seus próprios interesses no primeiro plano, poderão conservar seu sucesso somente com dificuldades. Estes também servem de muitas maneiras ao progresso e ao sucesso através do dar e tomar.

Mesmo aquilo que tomam se transformará em sucesso para aqueles dos quais tomaram. Serão colaboradores de seus êxitos e dos outros. Querendo ou não, todos nós somos colaboradores.

Portanto, nossos sucessos são comunitários. Principalmente o maior de todos os sucessos: um filho. Também neste caso é secundário, partindo do ponto de vista do resultado, se o queríamos e em que medida o queríamos. Outras forças atuaram. Elas nos transformaram em seus colaboradores bem sucedidos.

Portanto, querendo ou não, todos somos de um modo ou outro colaboradores. Em que se baseia, em último caso, nosso sucesso? A quem deve servir? Investiguei esta pergunta há alguns anos através de um poema. Ele ordena nossa colaboração e nosso sucesso em relação a algo que transcende nossa vida e ações, em algo transitório que permanece em outro lugar.

O círculo

Uma pessoa perplexa pediu a alguém

que percorria com ela um trecho do mesmo caminho:

“Diga-me, o que conta para nós?”

O outro lhe respondeu:

“Em primeiro lugar conta que estamos na vida por algum tempo, de forma que tem um início antes do qual já havia muitas coisas, e que, quando termina, volta a cair no muito.

Pois, como num círculo quando se fecha,

seu fim e seu princípio se tomam uma mesma coisa,

assim o depois de nossa vida une-se ao seu anterior sem ruptura,

como se entre eles não houvesse passado nenhum tempo.

Portanto, somente temos tempo agora.

O que conta é, em seguida,

que junto com o tempo foge de nós

o que nele realizamos,

como se pertencesse a um outro tempo,

e como se, quando acreditamos estar agindo,

fôssemos erguidos apenas como uma ferramenta,

usados para algo além de nós,

e depois colocados de volta.

Liberados, somos concluídos. “

O outro perguntou:

“Se nós e o que realizamos, cada qual a seu tempo, existe e chega ao fim,

o que conta quando o nosso tempo finda?”.

O outro disse:

“O que conta é o antes e o depois, como uma só coisa”.

Então, os seus caminhos se separaram e seus tempos, e ambos se detiveram e silenciaram.

Êxito na vida. êxito na profissão

Inicialmente, as Constelações familiares se ocuparam sobretudo com as relações pessoais. Trouxeram à luz as ordens básicas do amor, segundo as quais nossas relações têm êxito ou fracassam.

Quando comecei a seguir as leis do sucesso e insucesso no trabalho e na profissão e gradativamente nas empresas e organizações, veio à luz que elas seguem as mesmas ordens.

Neste livro sigo essas conexões. Ele conduz à postura interna que faz com que nossas relações e nossas vidas junto com nosso trabalho e nossa profissão tenham êxito de uma boa maneira.

Embora esteja direcionado totalmente ao sucesso na profissão, este livro é ao mesmo tempo um livro de sabedoria, sabedoria de vida aplicada.